

# *Gazeta das Aldeias*

N.º 2497

16 DE JUNHO DE 1963



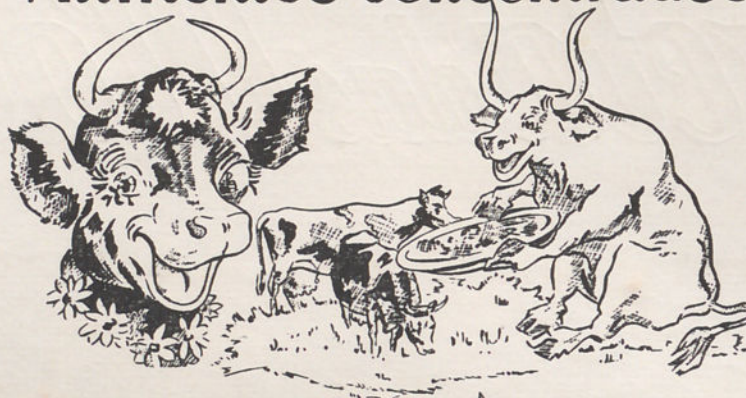
Sala .....

Est. 749 .....

Tab. ....

N.º .....

# Alimentos Concentrados



## PRODUTOS COMPOSTOS COMPLETOS:

2609

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos em engorda
- SOJAGADO N.º 4 — " galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — " pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — " frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — " frangas

## PRODUTOS COMPOSTOS COMPLEMENTARES:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — " bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — " aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — " éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — " porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

FARINHAS ALIMENTARES PARA GADO

# SOJAGADO

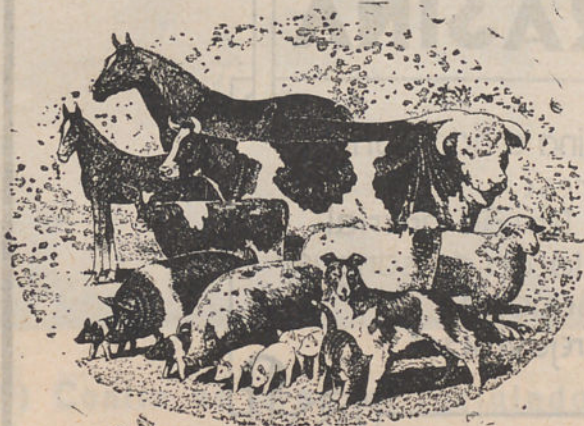
SOJA DE PORTUGAL, LDA.

FABRICAS EM OVAR — TELEF. 63 ● ESCRITÓRIOS: RUA DOS FANQUEIROS, 38-1.º — LISBOA

# Proteja

## a Pecuária Nacional

Os métodos de criação e as raças  
variam . . .



mas

o AUROFAC\* suplemento alimentício revolucionário, para as aves de criação, os bezerros e os porcos, dá sempre resultado . . .

porque

...dando-se-lhes AUROFAC\* os animais produzem maior lucro no mercado, visto estar provado que:

- a *crecem com maior rapidez*
- b *dão mais carne com menos alimento*

Sim... O AUROFAC\*, que é devido ao labor de investigação científica da American Cyanamid Company, contém AUREOMICINA\* e Vitamina B<sub>12</sub>... e obra autênticos milagres!

Dê sempre a suas aves de criação, bezerros e porcos, alimentos que contenham...

# AUROFAC\*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

*Cyanamid International*

WAYNE, N. Y. E. U. A.

3243

\* Marca Registrada

Representantes exclusivos para Portugal e Ultramar:  
**ABECASSIS (IRMÃOS) & C.<sup>A</sup>**  
Rua Conde Redondo, 64 — LISBOA  
Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO



# os 6

## PRINCIPAIS MOTIVOS DO ALTO VALOR DA **UROCRASINA**

- 1.º Dissolve e elimina o ácido úrico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce.

### **UROCRASINA**

*Despecifico Anti-urico por excelencia*

2816



### **Sunda Elástica**

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

### **CASA XAVIER**

Albino Pinheiro Xavier, Filhos

ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165—PORTO

Telefone, 22908

1701



### **Cruz, Sousa & Barbosa, L.da**

R. D. João IV, 567-2.º—PORTO—Tels. 27656 e 27657

P A P É I S E

MÁQUINAS GRÁFICAS

2457



## Produtos

# “SCHERING”

### a) Contra as **doenças** das **Vinhas e Batatais:**

COBRE “50”  
COBRE “ULTRA”  
KUPFER-CURIT  
CURIT  
CUPROXIDUL “ULTRA”

Contra o Míldio ou  
Queima

ENXOFRE  
MOLHÁVEL “TOP”

Contra o Oídio ou  
Farinha

### b) Contra as **pragas**, incluindo o Escaravelho da Batateira DIDITAN “50” e “líquido”

Contendo DDT + LINDANO

DIDITAN Super

Contendo 50% de DDT

VERINDAL “50”, “ULTRA” e “líquido”

Contendo LINDANO

### c) Contra o Alfinete ou Bicha Amarela do Milho

VERINDAL “S”, ALDRINE CONCENTRADO  
“DISPERSÍVEL”

### d) Contra o Escaravelho da Batateira resistente aos insecticidas clorados

SV “50”

Contendo 50% de 1-naphthyl-N-methylcarbamate



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

**AGUIAR & MELLO, LDA.**

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA

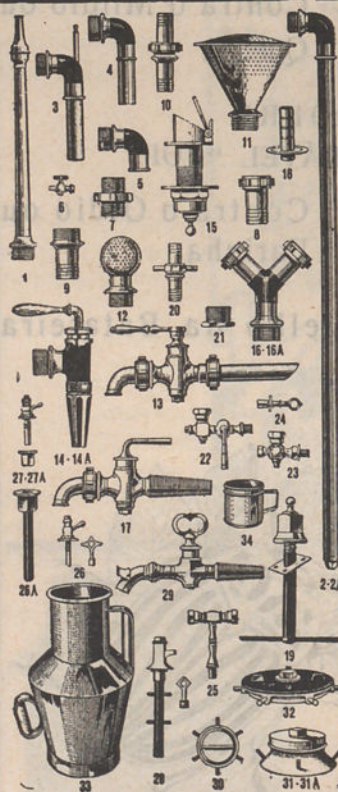


# A Competente

UM NOME QUE DIZ TUDO

Para transacções de propriedades e empréstimos s/ automóveis

Rua de Ceuta, 11-1.º D.to — Telefones: 35026-35925-29011 — PORTO



*Tanino «Dyewood» 100% solúvel* (o mais puro à venda no País)

*Amiantos «Filterit»* (isentos de ferro e de cálcio)

*Carvão Vegetal «Actibon»* (poderoso descorante, absolutamente inodoro)

*Calgonit* (o mais enérgico produto para lavagem e desinfectação de vasilhame)

*Microsil* (a mais fina terra de infusórios para filtros)

*Filtrodur* (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

*Grupos Electro-Bombas \* Filtros Suíços de Placas \* Instalações Suíças para Filtração \* Instalações para Gaseificação \* Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões \* Máquinas de Rolhar, etc. \* Mangueiras de Borracha e de Plástico \* Aparelhos de Laboratório*

Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º  
PORTO

TELE { fones: 28098-36173  
gramas: GUIPEIMAR

CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

# GOOD YEAR

Distribuidores exclusivos: Canelas & Figueiredo, Lda. — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

*Snr. Lavrador*

**Faça as suas contas!**

Prefira como adubo azotado o

**Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado**

com 26,5 % de Azoto

**(Metade nítrico \* Metade amoniacal)**

pois é de todos os adubos azotados  
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

**SEMENTEIRA quer em COBERTURA**

**Companhia União Fabril**

**LISBOA - 3**

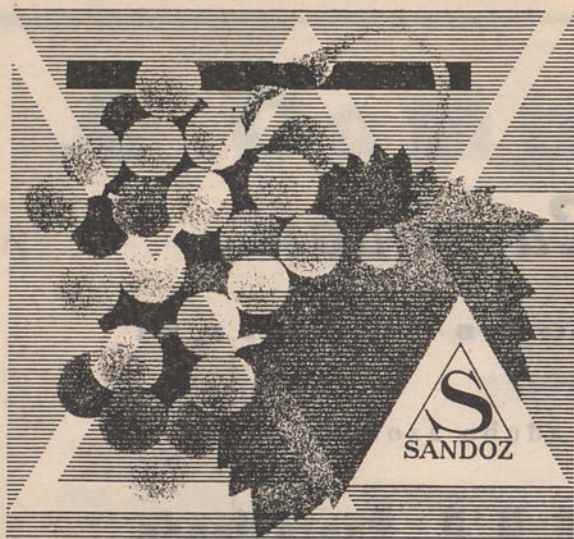
Av.ª do Infante Sinto  
(Baveto da Av.ª 24 de Julho)



**P O R T O**

R. do Bolhão, 192-3.º

**DEPÓSITOS E REVENDADORES EM TODO O PAIS**



Produtos Sandoz Lda.  
Rua João Penha, 14 B - Lisboa

A ameaça persiste, a protecção continua.

Contra o mildio, oídio, lagarta da uva e araniço vermelho:

**Miltox** cupro-orgânico, ou

**Cobre-Sandoz**  
óxido cuproso

**Thiovit** enxofre molhável

**Ekatox** parathion

**Ekatine**  
insecticida e acaricida sistémico

3955

## SULFATO DE AMÓNIO

Produzido pela **S. A. P. E. C.** nas suas instalações fabris de Setúbal.

**SULFATO DE AMÓNIO**  
um adubo azotado com 21% de azoto amoniacal.

**SULFATO DE AMÓNIO**  
o adubo que, sendo retido pelo solo, assegura  
às plantas uma nutrição azotada permanente.

**SULFATO DE AMÓNIO**  
u m a d u b o S A P E C

3686

**LISBOA**

Rua Victor Gordon, 19  
Telef. 36 64 26



**Agência no PORTO**

R. Sá da Bandeira, 746-1.º D.  
Telef. 2 37 27

DEPÓSITOS E REVENDADORES NO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR





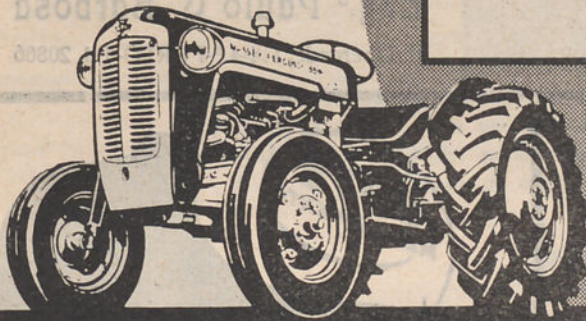
**MASSEY-FERGUSON**

APRESENTA O NOVO TRACTOR

**3-5-X**

com

**44hp**



E O AUTÊNTICO

GARANTIA  
DE UM ANO

*Sistema* "FERGUSON"

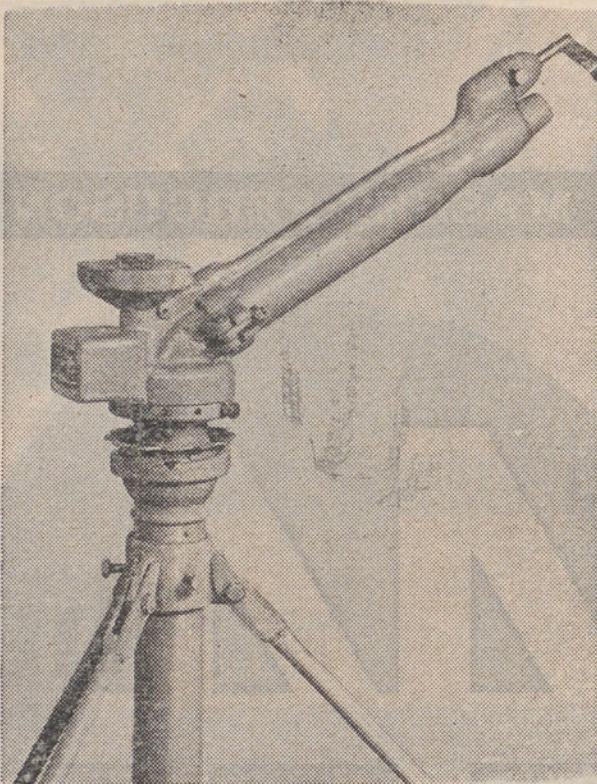
TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

Av. da Liberdade, 35, 4.

LISBOA

Agentes em todo o País

9687



Maschinenfabrik A. HOLZ  
Wangen i. Allgäu — Alemanha

## Rega por Aspersão

(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Pulverizadores pneumáticos,  
tipo «V-1» — para grandes jactos  
e grandes alcances, para campos,  
prados, pomares, vinhas, etc.

Grupos moto-bombas centrí-  
fugas, de todos os tipos e para  
todos os fins.

Tubagens leves e acessórios  
de ligação rápida.

Estudos e Orçamentos grátis

REPRESENTANTE GERAL:

3885

Eng.º Paulo C. Barbosa

P. Liberdade, 114-4.º-PORTO-Tel. 20866

O Caminho de Ferro  
é o transporte ideal, pois  
é seguro, rápido, prá-  
tico e económico.

1593

ÊSTE  
MEDICAMENTO

**GASTRO-SEDIL**

Trata as doenças do ESTÔMAGO  
INTESTINOS E FIGADO

A venda em todas as Farmácias

3384



## SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que  
nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couves brócu'o,  
Couves flor, Lombarda, Penca de Chaves, Penca de Mirandela,  
Penca da Póvoa, Tronchuda: Ervilhas de grão, Feijões de vagem,  
Espinafres, Rabanetes, Repolhos, assim como: Azevêns, Eucaliptos,  
Ervamolar, Luzernas, Lawn-grass, Ray-grass, Trevos, etc., etc.  
e ainda uma completa colecção de Flores.

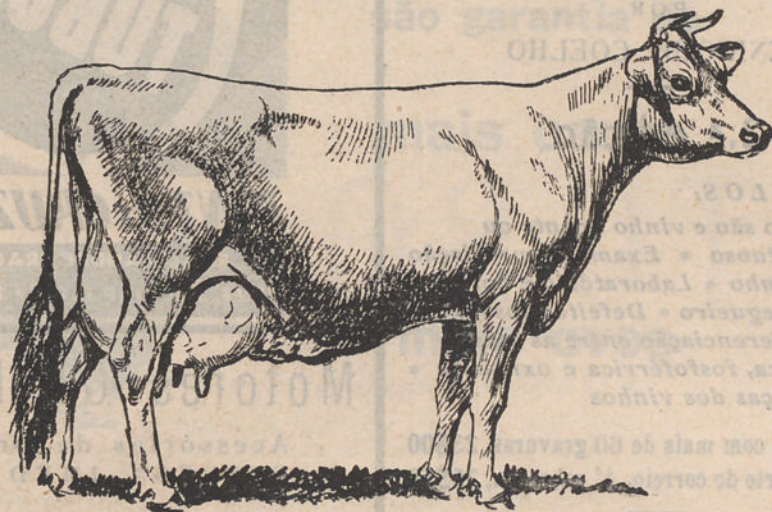
Se deseja SEMEAR E COLHER dê a preferência às sementes que com  
todo o escrúpulo lhe fornece a

“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones: 27578 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o  
que lhe será enviado gratuitamente

VACA que não é ordenhada  
é VACA que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

3211

## POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA\*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



\* Marca Registrada

Apresentação: { POMADA  
Bisnaga de 7,1 g  
SUSPENSÃO  
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO  
Cyanamid International  
A Division of American Cyanamid Company  
80 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres Exclusivos para Portugal e Ilhas:  
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A  
Rua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA  
Rua de Santo António, 16-3.º - PORTO

# Defeitos e Doenças dos Vinhos

POR  
HENRIQUE COELHO

2.<sup>a</sup> edição

## CAPITULOS:

*Vinho são e vinho doente ou defeituoso \* Exame e apreciação do vinho \* Laboratório e botica do adegueiro \* Defeitos dos vinhos \* Diferenciação entre as casses fêrrica, fosfêrrica e oxidásica \* Doenças dos vinhos*

267 páginas, com mais de 60 gravuras, 23\$00 incluindo porte de correio. A' cobrança, 25\$50

Pedidos à **Gazeta das Aldeias**



**PINTO & CRUZ, L.<sup>DA</sup>**

60, R. ALEXANDRE BRAGA, 64  
TELEF. 26001 (P.P.C.) • PORTO

2177

## Motores CLINTON

Acessórios de origem  
ENTREGA IMEDIATA

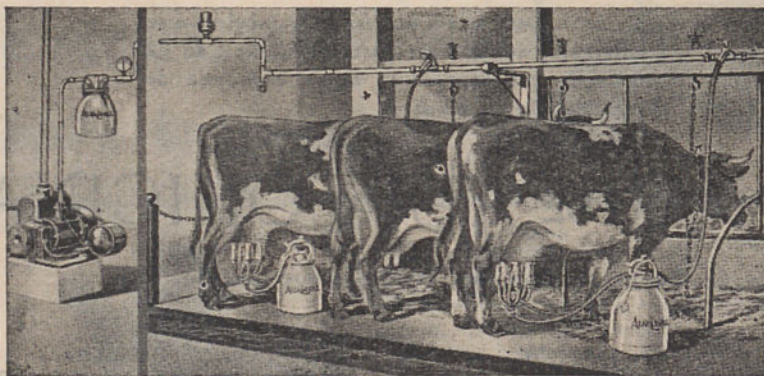
3937

**Martins de Carvalho**

Rua da Madalena, 138 — LISBOA — Telef. 869228

INSTALAÇÕES AUTOMÁTICAS  
DE ORDENHA

# "ALFA-LAVAL"



- \* *Portáteis e fixas, para pequenas ou grandes vacarias*
- \* *As mais modernas e eficientes*
- \* *Funcionamento garantido*
- \* *Leite higiênico*
- \* *Economia de mão de obra*

3987

PARA ESCLARECIMENTOS CONSULTE OS REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

**HARKER, SUMNER & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>** — PORTO-38, R. Ceuta, 48 \* LISBOA-14, L. do Corpo Santo, 18

AS RAÇÕES E CONCENTRADOS

# PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS

são garantia de

mais carne

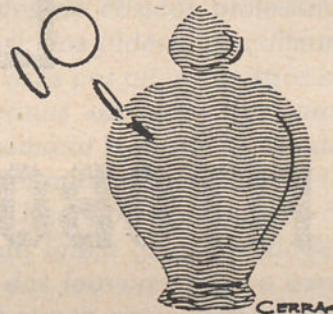
mais ovos

mais leite

## MAIS DINHEIRO



Faça um ensaio... e convencer-se-á



### FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da  
Beira, Lda. — Caramulo*  
*Fábrica Luso Holandesa de  
Rações, Lda. — Carregado*  
*Bonifácio & Filhos — Ovar*  
*Sofar, Lda. — Faro*

*Prazeres & Irmão,  
Sucrs., Lda. — Castro Verde*  
*Nicolau de Sousa Lima  
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*  
*Freitas & Gouveia, Lda. — Funchal*  
*A. Relvas, Lda. — Malange*

**PROVIMI PORTUGUESA** — Concentrados  
para Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 780391 — 782132 — 782131

GAZETA DAS ALDEIAS



(251)

Larderello S. p. A.

PISA. (ITÁLIA)

— A maior fábrica de produtos bóricos da Europa —

PRODUZ:

# FITOBOR

**ADUBO** integrativo oligodinâmico  
à base de:

**BORO** — (36 / 38 % de anidrido bórico)  
**MAGNÉSIO** — (1,6 / 1,8 % de Óxido de Magnésio)  
**FERRO** — (2,5 / 2,8 % de Óxido de Ferro)

e mais os seguintes micro-elementos: manganês, zinco,  
níquel, cobre, alumínio, cobalto, arsénio e vanádio.

**Fitobor**

é o adubo que restitui às terras todo  
o BORO e micro-elementos que as  
culturas anteriores consumiram.

Completem os vossos adubos, misturando-lhes

**Fitobor**

2925

AGENTE EM PORTUGAL:

**EMANUELE BARABINO**

Rua da Prata, 93-2.º Esq. — LISBOA 2

GAZETA DAS ALDEIAS

# Gazeta das Aldeias

Fundada por *Filipe Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) \* Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO

Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO \* Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)  
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

## JOÃO XXIII

*ESTÁ* longe ainda de esmorecer a ressonância dolorosa que a morte desta figura culminante da Igreja provocou no mundo. Vão passadas sobre esse fúnebre 3 de Junho quase duas semanas e os ecos desse acontecimento não têm deixado de repercutir-se, com os da exaltação da memória do Sumo Pontífice. Tão universal convergência de preito e saudade é inédito. Para além das naturais manifestações dos fiéis católicos romanos, acorreram os louvores de cristãos protestantes e ortodoxos (os mais difíceis porque os mais próximos), dos judeus, muçulmanos, até de orientais budistas que, representados em muitos casos por altos ministros sacerdotais, invocaram para a alma do morto preces nas várias «linguas» das suas religiões. Quando da morte do Papa Pio XII de luminosa memória já nesta Gazeta das Aldeias, em Outubro de 1958, o saudoso Dr. Alberto Pinheiro Torres, ao realçar-lhe o vulto, começou por aludir ao que dele disse o protestante Eisenhower presidente dos E. U. da América, e a terem-se associado então ao luto da Igreja as comunidades judaicas. Passados menos de cinco anos a multiplicação dos louvores para a excelsa personalidade do Pontífice morto, verifica-se em termos nunca vistos. E isto dá-se para com Alguém que, como nos narrou na sua oração fúnebre Sua Eminência o Cardeal Cerejeira, ao subir ao sólio pontifício lhe confidenciara: «Que iremos fazer como papa? Imitar Pio XII? Impossível para nós. Seria ridículo. Pio XII foi uma águia altíssima, um sol portentoso. Não recebemos dons para isso. Contentar-nos-emos ser o que Deus nos fez. Na nossa pobreza procuraremos ser um bom pastor».

É que hipoteticamente se a Providência, não dotara João XXIII, com aquela cultura universal servida pela luminosa inteligência com que Pio XII deslumbrara o seu tempo, — ou o próprio assim supunha na sua humildade — a verdade é de que Ela o tinha dotado de outros dons extraordinários que no exercício do seu pontificado revelou e que são o segredo da consagração universal a que assistimos. Esses dons traduziram-se sobretudo, numa irradiação incomparável de bondade, de caridade, à flor do



rosto, e de uma doçura evangélica em grau ardente de comunicabilidade. Esse conjunto de facetas humaníssimas de tão rico temperamento pessoal, onde até nem faltava sal de humor, foram decerto a principal razão despertadora desse universal movimento. Mas só por si não o explica. Os actos e as palavras do Pontífice não teriam sido interpretadas e escutadas como o foram se não estivessem em correspondência com os anseios e aspirações gerais de paz e de justiça, neste mundo incongruente e absurdo em que vivemos. E falamos em paz e justiça, não conceitos abstractos que, para melhor como tais se marcarem, se usam com maiúscula, mas como realidades vivíveis e quotidianas, bases dum bem estar possível, progressivamente generalizado e acrescentado.

A compreensão recíproca de João XXIII e da opinião corrente, não sofisticada, são o segredo do que acaba de verificar-se. Assim bem o definiu o Cardeal Cerejeira na referida oração ao designá-lo como «o Papa do mundo de hoje».

Não é aqui local próprio para nos alargarmos em dados biográficos, ou considerações sobre o alcance das suas encíclicas. Acha-se isso já larga e profusamente feito pela imprensa de todos os países, geitos e orientações. Autoridades eclesiásticas portuguesas elevadamente o fizeram pelas qualificadas vozes convergentes de Suas Eminências, o Cardeal Cerejeira, e o Cardeal Costa Nunes. Realçaram essas vozes os três tópicos da lição e obra de João XXIII: o do Concílio Vaticano II, convocado e iniciado, o das duas grandes encíclicas, doutrinárias e programáticas «Mater et Magistra» e «Pacem in Terris», e o do apelo à unidade, de todos os cristãos, ut unum sint.

Particularmente aos lavradores, para além dos principais genéricos que a todos interessam, cumpre lembrar como melhor homenagem a prestar ao alto doutrinador, o carinho dedicado à gente da terra na encíclica «Mater et Magistra».

O problema social tinha concretamente merecido sábia orientação à Igreja, como é notório, desde a Rerum Novarum de Leão XXIII, acrescentada pelas lições de Pio XI e Pio XII.

Esta doutrinação tinha sido dirigida sobremaneira, como as necessidades do tempo o reclamavam, para o mundo da indústria. Coube a João XXIII, na citada encíclica, encarar a situação deprimida em que a vida do trabalho da terra se encontra em correlação com a do trabalho nos outros sectores económicos. E isto não se passa só no nosso País, mas é mal generalizado.

A origem familiar campesina do Pontífice, que viveu e passou os primeiros anos da sua vida no contacto amoroso da terra, permitiu-lhe acuidade particular para a compreensão dos problemas correspondentes. Aí a lição e o programa que magistralmente nos soube traçar. Todos os lavradores ganharão com a leitura meditada dessas passagens da encíclica, mesmo para a compreensão razoada do que nesse campo merece fazer-se com propósito de progresso do bem estar material conjugado equilibradamente com o espírito de caridade cristã.

Como programa de realizações aí se vincam as necessidades de melhoria na instrução dos lavradores e progresso das técnicas, mecanizadas ou não. Para tanto se reclama na encíclica com a moderação tributária, uma política de investimentos com acesso ao crédito, que não pode ser o do mercado corrente pelo baixo juro e morosidade de reposição. Também aí se põe como indispensável uma política de acesso dos trabalhadores rurais, de qualquer sorte, aos seguros sociais. É o problema da defesa dos preços encarada através de medidas governativas e sobretudo por organizações sindicais e cooperativas, necessários corpos intermédios entre o Estado e o individuo. E neste aspecto a encíclica dá-nos razões de se procurar justo equilíbrio entre os interesses de consumidores e de produtores. Também a estruturação das empresas agrícolas procurando-se-lhe configuração familiar mereceram a João XXIII as mais oportunas considerações.

Tanto basta para os lavradores como tais, deverem à memória do falecido Pontífice uma homenagem especial.

A Gazeta das Aldeias, associando-se aos votos de sentimento universalmente formulados, traz pelo que lhe toca e dentro das suas possibilidades essa homenagem agradecida da lavoura, pela memória saudosa da excelsa figura de João XXIII.

Como a Igreja, e embora subordinadamente, a Terra, foi-lhe, como acabamos de ver, também, merecedora dos carinhosos qualificativos de Mãe e de Mestra.

Que grande título para a nossa gratidão perpétua!

Simeão Pinto de Mesquita.





# ESTUDOS SOBRE MADEIRAS DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

## Resenha Bibliográfica

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES  
Eng. Silvicultor

SOLICITADO para dar uma opinião, de ordem técnica, sobre um problema ligado às madeiras das nossas províncias ultramarinas, fui obrigado a reunir os principais trabalhos que lhe dizem respeito.

Tive então o grato prazer de verificar que neste sector de estudos a nossa situação é bastante melhor do que em muitos outros, graças acima de tudo, à notável actividade do «Laboratório de Histologia e Tecnologia de Madeiras», da «Junta de Investigação do Ultramar», do qual é Director o Engenheiro Silvicultor Prof. Luís Viegas de Seabra.

Mas quando digo bastante melhor não quero dizer que tudo esteja feito dentro do programa de trabalhos daquele Laboratório e, assim, resolvidos todos os problemas do ambito respectivo; no entanto comparando a situação que lhe corresponde com o que se passa noutros sectores da técnica, fica-se surpreendido com o trabalho realizado, e não só pela quantidade como pela qualidade.

Não me foi assim difícil dar resposta à pergunta formulada, utilizando para isso uma já vasta e notável bibliografia.

É certo que além daquele Laboratório, outras entidades se têm dedicado últimamente ao estudo das madeiras ultramarinas, tais como o «Instituto de Investiga-

ção Científica de Angola» e o «Laboratório de Sementes e Tecnologia Agrícola e Florestal» da «Direcção dos Serviços de Agricultura e Florestas» de Moçambique.

E como consequência da sua actividade a verdade é que, apenas dentro da bibliografia portuguesa, é possível assim, a qualquer pessoa, encontrar uma boa parte das informações que deseje para estudar tão importante assunto da Silvicultura e Economia ultramarinas.

\* \* \*

O primeiro trabalho a que desejo reportar-me é o da autoria dos Engenheiros Silvicultores Luís de Seabra e Manuel P. Ferreirinha, «*Madeiras coloniais*», publicado em 1950, na colecção «Estudos Ensaios e Documentos» da Junta de Investigação do Ultramar.

Ali foram incluídos um estudo do último intitulado: «*Iniciação do conhecimento da estrutura das madeiras coloniais*», e um outro dos dois, «*Aspectos da anatomia, constituição química e valor papeleiro do lenho de Ricinodendron rontanemi Schinz e Bombax rhadognan phalon K. Schum*».

Mais tarde, 1956, na mesma colecção, foi publicado o trabalho do Engenheiro

Silvicultor Manuel Nogueira Ramos «*Bachystegia spp.* de Moçambique. Aspectos da anatomia, constituição química e valor papeleiro», trabalho este realizado no referido Laboratório da Junta de Investigação do Ultramar, já nessa altura organizado e em funcionamento.

No mesmo ano, e ainda na mesma colecção (N.º 46), Ferreirinha publicou um «*Glossário internacional dos termos usados em anatomia de madeiras*».

Do mesmo autor, em igual data, mas agora publicado nas «*Memórias da Junta de Investigação do Ultramar*» (N.º 3), apareceu um estudo intitulado «*Elementos de anatomia de madeiras. Folhosas portuguesas*», onde são citadas, em conjunto, as espécies metropolitanas e ultramarinas daquele grupo.

E agora, antes de entrar na citação dos trabalhos referentes a cada uma das províncias ultramarinas em especial, desejo apresentar três obras de generalidades, que poderão dar ao seu eventual leitor uma visão panorâmica dos principais aspectos dos problemas técnico-económicos ligados à industrialização e comércio das madeiras tropicais.

O primeiro, da autoria de Seabra, foi também publicado na colecção «*Estudos, Ensaios e Documentos*» (N.º 58) e intitula-se «*Possibilidades de aplicação das espécies ultramarinas nas diversas indústrias da madeira*» (1959); o segundo, ainda do mesmo autor, foi publicado na revista da Junta de Investigação do Ultramar «*Garcia de Orta*» Vol. 9, N.º 2, 1961, pp. 297), e trata da «*Contribuição das espécies tropicais na indústria da celulose*», e o último, de Ferreirinha, refere «*O comércio mundial das madeiras tropicais*». («*Estudos, Ensaios e Documentos*», N.º 60, 1959).

Poderá assim o leitor ficar com as informações gerais que deseje para poder concretizar o caso português no conjunto a que pertence; raras vezes, dentro das Ciências Florestais e em relação ao Ultramar português, se encontra de forma tão acessível bibliografia tão completa.

Passarei agora a considerar cada uma das províncias ultramarinas, entre as que têm sido mais estudadas sob o ponto de vista de produção de madeiras.

## GUINÉ

Graças à colaboração entre o «Laboratório de Histologia de Tecnologia de Madeiras», «Laboratório Nacional de Engenharia Civil» e o «Jardim e Museu do Ultramar», este último publicou, entre 1958 e 1959, uma série de 16 monografias sobre as madeiras mais importantes desta província, com a designação de «*Essências Florestais da Guiné portuguesa*».

Foram estudadas as seguintes: Bissilão, Pau sangue, Metondo, Cómala, Pau conta, Tali, Farroba, Pau incenso, Pau carvão, Mambode, Pau goiaba, Tabá, Mampataz, Mené, Pau veludo e Cibe, a última das quais não é madeira, mas sim material de construção constituído pelo espique.

Descritas em cada exemplo a posição sistemática, a morfologia própria, a habitat e ecologia, os nomes vulgares e a distribuição geográfica, fica-se ainda na posse de um conjunto de informação indispensáveis e utilíssimas para o conhecimento de cada espécie considerada.

## ANGOLA

Embora limitando-me a citar um só trabalho, o mais importante segundo suponho, basta este para que esta província possa aparecer condignamente representada nesta resenha bibliográfica.

Trata-se do trabalho dos Engenheiros Silvicultores Romero Monteiro e Carita Frade, «*Essências Florestais de Angola. Estudo das suas madeiras. I Região dos Dembos*», publicado em 1960, nas «*Memórias e Trabalhos*» (1) do Instituto de Investigação Científica de Angola.

O primeiro autor encarregou-se da *Ecologia e anatomia* e o segundo dos *Ensaios físicos*.

Além da categoria deste estudo, o que mais nos surpreende é verificar que nada estava até então feito de semelhante, assinalando assim não só a ignorância do passado como as boas perspectivas do futuro.

## MOÇAMBIQUE

Em 1955, nas «*Memórias. Série Botânica*», também da Junta de Investiga-

ções do Ultramar, Ferreirinha publicou a «I Parte» do seu «Catálogo das Madeiras de Moçambique», iniciando auspiciosamente o estudo da riqueza madeireira desta provincia.

E depois de aparecer o «Estudo comparativo dos caracteres histológicos de uma amostra de madeira com os da Afzelia quanzensis Welw. Suspeita da existência em Moçambique de Afzelia africana Smith. (Serviços de Agricultura — Moçambique — Publicações. Série A: Científica e técnica, N.º 2, 1957), o autor, Engenheiro Silvicultor Alfaro Cardoso, retomando as suas investigações em que havia iniciado a sua vida profissional («Contribuição para o estudo da madeira do pinheiro bravo», 1918), publica em 1960 e 1961 uma série de monografias sobre «Madeiras de Moçambique», editadas pela mesma entidade oficial e na mesma Série A.

Foram assim estudadas as madeiras das seguintes espécies: *Acacia xanthophloea*, *Acacia nigrescens*, *Sclerocarya caffra*, *Terminalia sericea*, *Rhamnus zeyheri*, *Barringtonia racemosa* e *Syzygium cordatum*.

## TIMOR

Depois do trabalho de Pacheco Torres, «Estudo da lenha de algumas espécies Florestais de Timor», publicado na «Revista Agronómica» (1938), mais recentemente, Maria Clara Graça de Freitas, colaboradora do Laboratório dirigido pelo Prof. Seabra, aparece como autora da «I Contribuição» para o «Estudo das madeiras de Timor» («Memórias, Série Botânica», III, 1955) e «II Contribuição» («Memórias da Junta de Investigação do Ultramar», 5, 1958).

A situação passou assim a uma amplitude de conhecimentos diferente, um tanto maior.

\* \* \*

As oportunidades que tenho, o fim de 25 anos de formatura, já quase atingidos, para me regozijar com o trabalho feito durante tão longo período, dentro do campo profissional, ou em relação a assuntos do meu interesse especial, não

são, infeliz e lamentavelmente, tantas quanto desejava.

Bem ao contrário; a sensação que me invade é de desalento perante o tempo perdido e, conseqüentemente, a distância, cada vez maior, que nos separa da posição que deveríamos ocupar perante as realidades da técnica actual.

Raros são os exemplos, onde, como este das madeiras tropicais, a obra feita é digna do maior apreço, e tanto em profundidade como extensão.

Na maior parte das vezes quanto foi realizado, sob estímulos e pressões estranhas à orientação estritamente técnica, não teve tempo de assentar em alicerces, porque, na falta destes se achou preferível omiti-los ou improvisá-los, sem olhar à estabilidade do edificio a construir, demasiado confiantes como muitos são no mérito da nossa esperteza.

No sector das madeiras tropicais não estará tudo feito é certo, longe disso, mas graças à firmeza dos passos dados, sob a orientação da alta competência do Prof. Luis Seabra, o que está feito tem a maior segurança e oferece o mais sólido apoio para tudo quanto há ainda a fazer; assim não falem recursos a todos quantos se dedicam ao estudo das madeiras do Ultramar para que, no mais curto prazo de tempo, possam terminar os indispensáveis trabalhos que estão a seu cargo.

Mas será bom evitar ilusões sobre o actual panorama dos nossos conhecimentos neste sector da Silvicultura e Tecnologia Florestais ultramarinas; embora melhor do que em muitos outros, está longe ainda de ter atingido aquele limite, a partir do qual a exploração das florestas ultramarinas e o aproveitamento dos seus produtos é feita com a maior perfeição técnica e, conseqüentemente, com o maior rendimento económico.

Mas por enquanto ainda é justo afirmar que em vez de exploração continuamos na fase do amadorismo; nem outra coisa é possível com menos de meia dúzia de Engenheiros Silvicultores nos Serviços Officiais de Angola e outro tanto nos de Moçambique, além da sua ausência total na Guiné, apesar da sua inexcedível boa vontade e invulgar espírito de sacrificio.

## Começando pelo princípio (V)

# A condução dos Clubes Rurais

Por DUÍLIO MARQUES  
Eng. Agrônomo

(Conclusão)

**F**AZER andar um clube juvenil rural, é trabalho de grande importância que compete aos próprios jovens, mas que não pode ser desacompanhado pelas entidades interessadas na evolução dos meios rurais.

O apoio firme, tão necessário para a constituição, terá que continuar, atento e compreensivo, ponderado, mas dinâmico.

Conforme as secções, e contando que o técnico assistente, assoberbado por múltiplos problemas de vária ordem, não poderá ser tão assíduo como desejaria, terá que buscar-se quem saiba e queira orientar os desportos, ensaiar os teatros e os cantares, cuidar da música e de tudo o mais que o grupo deseje levar a efeito e para que não baste o entusiasmo e a boa vontade dos rapazes.

Tudo o que se organize, será, evidentemente da responsabilidade e execução dos jovens, que terão, entretanto, os seus consultores, aos quais recorrem quando de tal sintam necessidade.

Na parte agrícola, que é a fundamental, a actuação poderá estruturar-se de formas diversas, conforme os fins a atingir, as condições dos meios agro-climático e humano.

Como esquema, julgamos de aceitar, entre vários outros, possíveis, o seguinte, que, para o momento, nos ocorre:

### 1—*Problemas gerais da agricultura local, sua posição na agricultura nacional e suas possibilidades*

Interessa o conhecimento real do nível da agricultura que se pratica, a abertura dos espíritos para o reconhecimento dos atrasos existentes, para os possíveis descertos de ordenamento cultural, para as deficiências de estrutura, níveis de técnica, de utilização de mão-de-obra, de grau de mecanização, etc., tudo relacionado com as posições nacionais e considerado à sombra das possibilidades actuais.

Este o assunto de uma ou mais sessões, levadas dentro de um esquema pré-estudado e em cuja elaboração se atendeu às sugestões do técnico assistente, esquema que permitirá, através as discussões vivas entre os jovens, fixar a posição de cada problema, o natural caminho de evolução, o fim a atingir, tendo em vista as ideias modernas sobre a agricultura especializada.

É haverá que recorrer à recomendação de leituras, à consulta de dados estatísticos e económicos.

### 2—*Assuntos que necessitam estudo e resolução*

Da análise efectuada na alínea 1, resultará o enunciado de múltiplos problemas

que necessitam ser resolvidos, aos vários níveis.

Dentre todos, alguns existem que poderão ser abordados pelos jovens, convindo fixá-los e dar-lhes uma ordem de prioridade, para sucessivamente entrarem em estudo. Aqui se incluem problemas de ordenamento, de técnica cultural das várias espécies, as adaptações de espécies e variedades, a exploração de gado, a mecanização, a sanidade vegetal, os princípios económicos e contabilísticos, culminando com o conhecimento da gestão que engloba todas as técnicas e abarca todos os problemas que podem incidir sobre uma exploração.

### 3—*Formas de actuação*

#### I—Pelo conjunto de todos os membros

- a — ensaios
- b — práticas culturais
- c — exposições
- d — demonstrações
- e — excursões e visitas
- f — discussões gerais

#### II—Em pequenos grupos (6 a 8 participantes)

- a — concursos de campos de cultura
- b — concursos de criação de gado
- c — apuramento de resultados
  - contabilidade
  - gestão
- d — discussões de grupo

#### III—Individualmente

- a — concursos de trabalho
- b — concursos de criação de gado
- c — apuramento de resultados económicos

### 4—*Protocolo pormenorizado de cada assunto*

Plano analítico de cada actuação, para ser discutido em sessão plenária, acertado e, depois, realizado. Prevê, em pormenor, o que deve fazer-se, como, quando, onde e por quem; os resultados a obser-

var, as conclusões objectivas que podem prever-se.

O esquema é de certo modo ambicioso, concordamos, certamente difícil, mas nunca impossível de cumprir. Necessita ser trabalhado no tempo, sem desfalecimentos; ser corrigido, adaptado, reduzido ou alargado, conforme as condições; mas, principalmente, executado...

Para a condução das sessões, existem certos princípios que os jovens, e quem os apoia, não podem esquecer, desde a disposição da sala, ao tipo de discussão, à recolha das conclusões, à forma de actuar perante cada auditório e até cada indivíduo.

Vejamos, rapidamente, para terminar esta série de escritos, já um tanto longa, mas que deixa ainda muitos aspectos por tratar, vejamos, dizia, como resolver alguns dos pontos antes enunciados.

Logo de início, há a considerar a disposição dos lugares dos assistentes em relação aos dos dirigentes.

A primeira regra é, que quem dirigir as reuniões, deverá ver todos os participantes; assim, a mesa da presidência terá que encontrar-se em plano ligeiramente superior ao restante da sala. As mesas, se as houver, ou apenas as cadeiras, dispõem-se em forma de U, com os braços voltados e abraçando a mesa da presidência, ou em semicircunferências.

A existência de mesas é vantajosa, mas não imprescindível, excepto para a presidência.

Os mentores: técnico, pároco, professor primário etc., tomarão lugar de um e outro lado da mesa da presidência, mas fora desta, ou, preferivelmente, no caso de serem dois, ao lado e um pouco atrás do jovem presidente, entre este e os secretários.

Em cada reunião, será conveniente tratar apenas um assunto base. Este, deve ter uma introdução, feita pelo presidente, e será apresentado por um qualquer dos participantes, que o deseje, previamente designado ou não. Esquematiza-se o assunto por alíneas, devidamente seriadas, que se discutem e votam uma a uma.

Após a votação da última alínea, reúnem-se as conclusões, que serão apresentadas em conjunto.

Além do motivo central da reunião, podem ser nomeados outros assuntos que, porém, apenas serão tratados em próximas sessões.

As reuniões, para não saturar, devem demorar, quando muito, 60 minutos, mas depois de encerrada a sessão, nada impede, sendo até, de interesse, que os membros permaneçam na sala, conversando e discutindo em pequenos grupos, fazendo projectos e relatando factos que se prendam com a ordem do dia acabada de tratar.

Quanto ao tipo de reunião, poderemos considerar:

- 1 — Reunião directiva — em que existe um orador e um certo número de assistentes que não intervêm;
- 2 — Reunião autoritária — em que o orador expõe o assunto e faz perguntas;
- 3 — Reunião segregativa — o orador discute apenas com 2 a 3 elementos escolhidos, que são os melhores, os mais evoluídos;
- 4 — Reunião democrática
  - elege-se um presidente e dois secretários por sessão
  - todos podem apresentar esquemas desde que o façam na sua vez
  - todos podem discutir, mas ordenadamente
  - todos podem fazer perguntas
  - todos podem propor emendas
  - todos podem discordar
  - fala cada um de sua vez, quando o presidente designar, mas apenas dentro da ordem do dia
  - todos se submetem às opiniões da maioria.

Estes 4 tipos de reunião, tem, cada uma a sua oportunidade:

A reunião directiva usa-se para as sessões preliminares, de constituição, quando o assunto do grupo é posto à consideração dos jovens; a autoritária ou a segregativa, quando houver que reali-

zar mais sessões preparatórias e deva auscultar-se a opinião da assistência; a segregativa e principalmente a democrática, também dita parlamentar, para a condução, feita já pelos rapazes ou ainda pelos mentores.

Nos meios rurais evoluídos, começa-se logo pela reunião parlamentar; nos menos abertos, ensaia-se uma progressão, no sentido da parlamentar.

Da mesma forma, quando houver que usar o sistema autoritário, as perguntas a dirigir aos vários participantes, terão que revestir formas diferentes, conforme incidem sobre um jovem evoluído, desenvolto e aberto, ou sobre outro ainda fechado e receoso:

A actuação de interior, digamos, sob coberto, só têm, em geral, interesse, no caso agrícola, ou, quando as condições de tempo não permitem o ar livre, ou para preparação dos programas de execução prática.

A enorme diversidade de assuntos a focar e de trabalhos práticos a realizar, não permite que aqui tratemos todos os esquemas necessários à boa condução de exterior de um grupo juvenil.

Escolhemos, entretanto, um exemplo entre centenas possíveis.

Suponhamos que o clube resolveu elaborar, como actuação de conjunto, um ensaio de adubação de batata. Obteve já uma terra e é necessário organizar o protocolo do ensaio.

Eleito o presidente para a sessão de trabalho, este fará algumas breves considerações sobre o interesse do ensaio e os pontos básicos a considerar como, o uso de uma variedade bem adaptada ao local, a necessidade de obter o caudal de rega necessário, a conveniência de canteiros relativamente grandes, etc., considerações que elaborou de moto próprio ou com o auxílio do assistente.

Sugere seguidamente que um dos participantes proponha um esquema para o ensaio.

Um dos presentes enuncia, por exemplo:

- 1 — Variedade Arran Banner
- 2 — 2 canteiros de 2 m x 5 m
- 3 — 2 tipos de adubação, um para cada canteiro

a — com muito fósforo e pouco azoto

b — com muito azoto e pouco fósforo.

O presidente põe à votação o esquema quanto à sua constituição, isto é, se considera todos os pontos de interesse, se tem alíneas a mais ou se faltam alíneas.

O participante A afirma que não concorda com tudo o que foi enunciado nas 3 alíneas, propondo-o rectificar.

O presidente informa que essa atitude só poderá ser tomada quando se entrar na discussão de cada uma das alíneas.

O participante B é de opinião que deve fixar-se também o quantitativo de batata a plantar por canteiro.

O presidente pergunta se alguém se opõe a que seja acrescentada aquela indicação. Ninguém se opõe e o presidente informa, que, se não há mais propostas de acrescentos ou eliminações, vai pôr à discussão, alínea por alínea. Abre a discussão para a 1.<sup>a</sup> alínea.

O participante A, concorda com a variedade, mas não com a área. O presidente interrompe para lembrar que se está apenas na discussão da 1.<sup>a</sup> alínea e que só depois desta discutida se passará à 2.<sup>a</sup>, que respeita à área dos canteiros.

Ninguém mais se pronuncia, sendo aprovada a alínea 1, quer dizer, o uso da variedade Arran Banner.

Abre a discussão da 2.<sup>a</sup> alínea.

O participante A pensa que 2 canteiros é pouco, pois deve haver uma repetição e ainda que a área de cada canteiro é exígua.

O participante H concorda com o alargamento da área, mas não vê vantagem na repetição, uma vez que a terra onde se pensa instalar o ensaio é toda muito igual. Vários membros se pronunciam por uma e outra opinião, até que o participante B, pede ao presidente para solicitar a opinião do técnico assistente. Este concorda com o alargamento da área de cada canteiro, mas julga conveniente, apesar da homogeneidade do terreno, que se realizem tantas repetições quantas as modalidades a ensaiar, de

modo a eliminar na medida do possível as causas de erro.

E a sessão continua neste género, tendo sido por fim aceite o esquema seguinte, para ensaiar apenas a influência do potássio:

1 — Variedade Arran Banner

2 — canteiros de 8 m. x 5 m em número de  $3 \times 3 = 9$

3 — 3 tipos de adubação

a) — 600 kg de superf. 18 o/o/ha  
— 2,4 kg no canteiro  
300 kg de sulf. de amónio/ha  
— 1,2 kg no canteiro  
300 kg de cloreto de potássio/ha — 1,2 kg no canteiro;

b) — 600 kg de superf. 18 o/o/ha  
— 2,4 kg no canteiro  
300 kg de sulf. de amónio/ha  
— 1,2 kg no canteiro  
150 kg de cloreto de potássio/ha — 0,6 kg no canteiro;

c) — 600 kg de superf. 18 o/o/ha  
— 2,4 kg no canteiro  
300 kg de sulf. de amónio/ha  
— 1,2 kg no canteiro  
sem cloreto de potássio;

Estrumação de todo o campo,  
40 ton/ha — 160 kg no canteiro

4 — Densidade da plantação

2000 kg/ha — 8 kg por canteiro  
compaço — 0,40 m na linha  
0,50 m entre linhas

Rodeando o campo devem plantar-se duas linhas de batata.

Fixou-se o dia e hora para a realização do ensaio e distribuíram-se funções e responsabilidades por grupos de rapazes.

Finda a ordem do dia, um participante lembrou a conveniência de, em futuras sessões de estudo, se abordar a alimentação e o tratamento de um bezerro, e de se transportarem para a prática as conclusões que se encontrem.

O presidente fixou este assunto para a 1.<sup>a</sup> sessão de interior, após a instalação



## Simpósio Internacional de Enologia

Comemorando o centenário da publicação dos trabalhos de Pasteur sobre o vinho organizou a Station Agronomique et Oenologique, de Bordeus, um Simpósio Internacional de Enologia, ao qual, de facto, deu uma projecção traduzindo plenamente o seu carácter internacional.

Sob a presidência de honra do prof. Dalmasso, da Universidade de Turim, é presidente do Simpósio o prof. J. Ribéreau-Gayon, director da Station Agronomique et Oenologique e Professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Bordeus.

A matéria do Simpósio está dividida em 4 secções:

Estabilização biológica  
Prevenção dos efeitos do oxigénio  
Prevenção de turvações e depósitos  
Regulamentação

Para os diferentes assuntos e para as presidências das sessões foram con-

vidados 31 técnicos de diversos países: belgas (1), franceses (8), alemães (5), australianos (1), jugoslávios (2), austriacos (2), espanhóis (3), italianos (4), portugueses (3), suíços (1) e norte-americanos (2).

Os técnicos portugueses que, directamente, fazem parte do Simpósio são o Prof. Luís Cincinato da Costa, que preside a uma das sessões e faz o discurso do encerramento e os engs. Manuel Pacheco Azevedo e Amândio Barbedo Galhano, director da *Gazeta das Aldeias*, relatores oficiais, a convite directo e a título pessoal. Ao eng. Pacheco Azevedo foi entregue o problema da estabilização do Vinho do Porto e ao eng. Barbedo Galhano o do revestimento do vasilhame e do material enológico.

A participação destes técnicos, até pelos moldes em que é feito, por convite pessoal e a expensas do Simpósio, toma um carácter de distinção dada aos técnicos portugueses.

do campo de ensaio de adubação da batata e encerrou a sessão.

No dia fixado para a implantação do ensaio, encontram-se no local à hora marcada os vários rapazes e o técnico, além de alguns curiosos. A terra fora previamente lavrada, enterrando o estrume e gradada. Dado que o ensaio previa vários tipos de adubação, com diferença no potássio, esta adubação não pôde realizar-se com antecedência, como é indicado, mas também a batata não foi previamente abrolhada.

O técnico orienta a implantação, usando processos simples, como o 3, 4, 5 para a marcação dos cantos em ângulos rectos.

Feitas as contas do comprimento e largura totais do campo, marcou-se e fechou-se a poligonal. Então, um dos grupos abriu o rego de cintura; outro demarcou as larguras parciais de cada canteiro e fez os regos de separação; outro mar-

cou os comprimentos parciais; outro pesou e contou as batatas; outro pesou e misturou os adubos.

Depois, é a abertura dos regos, a colocação das batatas e dos adubos, atendendo às modalidades diversas, tudo feito ordenadamente, dentro de um sincronismo que não exclui a alegria vibrante e comunicativa.

Será impossível? Os rapazes quererão?

Se bem orientados, não temos dúvidas de que querem e se entusiasma. Assim os saibamos guiar, queiramos dar-lhes um pouco da nossa fé e dedicação, mas deixando que sejam os fabricantes do seu próprio grupo, que se dirijam e nos mostrem do que são capazes.

Não temos dúvidas de que é possível, como, de que tem dificuldades; deixaremos que elas nos tolham o passo, ou vamos dominá-las? Provaremos que podem dominar-se, até atingirmos a vitória final.

# A cultura da Nogueira e as vantagens da sua expansão

Por  
COLUMBANO TAVEIRA FERNANDES  
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2494 pág. 327)

**C**OMO frisámos, a noqueira apesar de possuir características de resistência mais acentuadas do que o castanheiro sucumbe em larga escala à «doença da tinta».

Das observações realizadas em diversos nogais do País e ainda em viveiros produtores de noqueiras constatamos ser necessário actuar quanto antes a fim de evitar o desaparecimento de uma espécie cuja cultura tem hoje um lugar de relevo na economia nacional não só pela excelente madeira produzida mas também pelos valiosos frutos de larga aplicação.

Durante muitos anos o lavrador quase não se apercebeu dos prejuízos resultantes do desaparecimento da noqueira; porém, a situação modificou-se porque de ano para ano o desgaste se avolumava e por tal motivo surgiram insistentes pedidos de assistência técnica a nogais com sintomas de doença. Em muitos lugares até vários lavradores suscitaram o tratamento de noqueiras doentes às brigadas de combate à «doença da tinta» nos castanheiros e muitas foram beneficiadas com resultados bastante satisfatórios.

É pena que as campanhas de defesa do castanheiro que o Centro de Estudos do Castanheiro está a realizar, desde 1945, em colaboração com a 3.ª Repartição Técnica da Direcção-Geral dos Ser-

viços Florestais não possam ser alargadas à noqueira. Porém, esperamos ser possível num futuro próximo actuar conjuntamente em relação às duas espécies e então quando pelo isolamento laboratorial de um parasita semelhante ao que provoca o mal da «tinta» se verificar uma infecção progressiva e num grau que garanta êxito seguro nada mais haverá a fazer que aplicar o método a seguir descrito o qual terá de ser executado com a máxima perfeição.

a) Abertura de uma caldeira à volta da árvore de diâmetro variável com a sua envergadura, mas nunca inferior a um metro, e uma profundidade de 50 cm tendo o cuidado de não ferir muito as raízes.

b) Limpeza de todo o sistema radicular posto a descoberto e de 10 cm do tronco acima do colo (zona de inserção das raízes) com escovas de arame de aço.

c) Lavagem e aplicação do aderente molhante «P» em toda a zona referida anteriormente utilizando um pulverizador de pressão (serve um pulverizador vulgar).

d) Polvilhamento da mesma região com uma mistura fungicida de carbonato de cobre, cobre Sandoz e gesso na proporção de 2×1×2, empregando uma torpilha. O pó deve estar perfeitamente

misturado e ser distribuído uniformemente usando sempre gesso de 1.<sup>a</sup> qualidade.

e) Aterro da caldeira 10 minutos após a aplicação do fungicida.

Este tratamento tem principalmente efeitos preventivos mas pode actuar sob o ponto de vista curativo desde que os



Fig. 1 — O ataque do parasita pode originar o escorrimento de um líquido azul escuro muito semelhante à tinta de escrever

sintomas do mal não abranjam mais do que 1/3 dos ramos da copa. No primeiro caso pode manter-se uma produção constante desde que o tratamento seja repetido de 7 em 7 anos e no segundo será possível em poucos anos dar à árvore vigor suficiente para que a sua produção melhore e se normalize mas a sua repetição terá de ser efectuada de 5 em 5 anos.

O lavrador quando note deficiência de vigor e produção nas suas nogueiras deve observar atentamente os sintomas da doença os quais se revelam da seguinte maneira: ramos e folhas secas, estas por vezes fortemente agarradas aos ramos; queda prematura e amarelimento progressivo das folhas; mancha

escura e escorrimento de um líquido semelhante à tinta de escrever (Fig. 1).

Uma vez verificados estes sintomas convém observar também se aparecem ramos secos no tronco e ainda descascar o tronco na zona enegrecida pois é muito provável que apareça uma mancha de bordos irregulares desde a base até cerca de 1 metro de altura (Fig. 2), mas se tal não suceder deve escavar as raízes principais que aí o mal se revelará com maior ou menor nitidez.

É certo que outras doenças sobretudo a *Armillaria Mellea* provocam sintomas semelhantes mas o aparecimento de ramos secos na base do tronco e da mancha escura deprimida são indícios



Fig. 2 — O descasque do tronco na zona enegrecida revela-nos quase sempre uma mancha enegrecida e deprimida de contornos irregulares

certos de um ataque pela «doença da tinta».

Quando surjam dúvidas as mesmas só poderão ser tiradas pelo isolamento do parasita no laboratório pelo que se aconselha os lavradores a recorrerem aos técnicos do Centro de Estudos do Cas-

(Continua na pág. 459)

# AS UNIÕES DE ENÓLOGOS

Por RUY EMYGDIO GUEDES SALGADO  
Eng. Agrônomo

*No momento em que se desenha uma possível organização profissional estruturando a actividade daqueles que, entre nós, se dedicam à enologia, quiz o Eng. Ruy Salgado, dar-nos, no presente trabalho, o seu ponto de vista pessoal.*

*A esse título o publicamos e agradecemos o contributo valioso e esclarecido.*

**P**ORTUGAL, produzindo anualmente, mais de um bilião de litros de vinho, tem neste, um dos mais fortes esteios da economia agrícola, não podendo por isso ser descurado, quanto à sua produção se refere.

A ciência de fazer vinho sempre tem sido muito complexa e sê-lo-á cada vez mais. Na verdade, a quantidade de fenómenos físicos, químicos e biológicos, que intervem quer na transformação do mosto em vinho, quer na conservação deste, obrigam a um somatório de conhecimentos diversos, verdadeiramente notável.

Como é sabido têm interferência quer na fermentação, quer na conservação, quer ainda no envelhecimento, inúmeros factores, como sejam a constituição química e física dos mostos, a variedade e quantidade de microorganismos presentes, o meio ambiente com as suas variações climáticas, o grau de pureza dos produtos enológicos utilizados, as características do vasilhame, etc., etc..

Com tão diversas influências actuando directa e indirectamente, os fenómenos físicos químicos e biológicos não decorrerão sempre da mesma forma e assim podemos afirmar que, não há duas fer-

mentações iguais, não há dois períodos de conservação, ou de envelhecimento, que não sejam diferentes.

Não esqueçamos porém que pretendemos obter produtos finais semelhantes ou mesmo praticamente iguais a outros produzidos anteriormente, o que só é possível com a interpretação correcta dos citados fenómenos à medida que se vão verificando e com a sua condução e orientação adequadamente executadas.

Quando deixamos os vinhos comuns, e pretendemos produzir vinhos adamados, licorosos, ou espumantes, ainda mais apurada terá que ser a técnica utilizada.

Mas a uva não dá apenas o vinho, dá, as aguardentes vnicas e as bagaceiras, os vinagres, e ainda os sarros, as borras, os bagaços. As aguardentes é preciso extrai-las e depois, muitas vezes prepará-las e envelhecê-las. Os bagaços, as borras, os sarros podem produzir óleos, ácido tartárico, etc., ou serem, aproveitados na preparação de adubos ou alimentos para o gado quando ainda possuidores de certa riqueza, utilizados como combustível, quando praticamente esgotados.

A ciência enológica porém vai evo-

luindo, é necessário produzir sempre mais e melhor e por isso, paralelamente com a aplicação prática das técnicas já estabelecidas, torna-se necessário procurar novas técnicas, melhorar as antigas e adaptar ao nosso meio, as que vão surgindo em outros países. Para isso há os laboratórios, as adegas piloto, os ensaios que vão sendo levados a efeito, em algumas adegas vulgares.

A responsabilidade da execução e interpretação, de tudo quanto foi dito, terá necessariamente que caber a técnicos altamente especializados — os enólogos.

A preparação destes é, entre nós muito deficiente.

De facto vão buscar as suas bases a cursos de grande generalidade, pelo que nunca poderão contar com grandes conhecimentos iniciais. A sua especialização faz-se depois à custa de muito trabalho individual, de um enorme esforço e de muito tempo.

Temos um grupo de técnicos de reconhecida capacidade, uns quantos até, de tal nível, que podem ombrear com os grandes nomes internacionais da especialidade. O seu número é porém muito reduzido para as necessidades nacionais e assim a enologia está entregue, em grande parte, nas mãos de práticos, alguns sem dúvida muito competentes, mas em sua maioria completamente afeitos à rotina e sem possibilidade de apreenderem o uso de novas técnicas.

Sendo sempre maior a concorrência dos mercados internacionais, serão cada vez mais severas também as exigências dos mesmos, com respeito às características dos produtos em causa.

Não se compadece pois qualquer produção, agrícola ou industrial, com a manutenção de rotinas, antes há que utilizar imediatamente as técnicas mais evoluídas, tendentes a maior economia e melhor qualidade.

Não pode assim manter-se o actual estado de exploração vinícola nacional. É absolutamente imperativo que se crie imediatamente um «Curso de Enologia» para preparação dos técnicos, devidamente especializados que juntando-se aos poucos ora existentes, perfaçam o número

sempre crescente, exigido pelas necessidades do País.

Muitas das práticas enológicas mais modernas, só poderão ser aplicadas, com profundo conhecimento da matéria, sem o qual, enquanto que algumas podem até constituir um perigo para a saúde do futuro consumidor, outras, poderão apresentar resultados enganadores de duvidosa ou contra-producente utilidade futura.

Torna-se por conseguinte necessário não apenas um conhecimento perfeito dos problemas enológicos, como ainda a maior idoneidade profissional e moral. Assim o entendeu a França, que ocupa o primeiro lugar entre os produtores de vinho seja em quantidade seja em qualidade e que por essa razão, tem caminhado sempre na vanguarda das medidas, já técnicas já moralizadoras, de defesa da qualidade das suas produções.

Criou aquele país em 1959 a «União Nacional de Enólogos» que defende os interesses não só daqueles técnicos, mas ainda os da própria enologia e os de quantos utilizam os seus serviços.

O dispositivo legal, impõe, que determinadas práticas enológicas apenas sejam levadas a efeito sob a responsabilidade de um enólogo e o vinho, sujeito às mesmas práticas, só possa ser lançado no consumo público, acompanhado de um certificado de inocuidade passado pelo mesmo técnico.

Pretende agora formar uma União Internacional de Enólogos com o mesmo fim, no plano internacional, para o que já conta com a adesão, em princípio, dos Estados Unidos da América, da Alemanha e da Itália, havendo ainda outras nações igualmente interessadas.

Os países que aderirem a esta União Internacional devem vir a reconhecer oficialmente como enólogos apenas os técnicos dos países igualmente inscritos naquele organismo Internacional.

Em Espanha, está já em curso um movimento para a formação da União dos Enólogos Espanhóis, com a possível futura integração no organismo internacional.

Portugal não pode alhear-se de movi-

mentos de tanto interesse e repercussão, assim pretende-se sejam criadas as condições que permitam ocupar no mundo vinícola o lugar a que temos direito.

Tendo estado recentemente em Lisboa o secretário da «União Nacional de Enólogos» francesa, Sr. Valaize, teve este a amabilidade de receber um grupo de técnicos, com os quais trocou impressões sobre as Uniões Nacional e Internacional. Pena foi, que a estadia, entre nós, daquele senhor, e a falta de tempo para a preparação de um encontro, não tivessem permitido a um mais elevado número de técnicos tomar parte naquela troca de impressões.

Sobre a necessidade da criação urgente, entre nós, dum «Curso de Enologia» e de um «Organismo de Enólogos», foram já ouvidas diversas individualidades da maior projecção na especialidade, que unânimemente manifestaram o seu acordo.

Também na imprensa, quer diária quer especializada, têm sido publicadas notícias e artigos sobre o assunto, os quais têm despertado maior interesse como se prova pela correspondência recebida, o que nos permite afirmar, podermos contar, desde já com o maior apoio, de grande número de individualidades e organismos directamente interessados.

Têm sido postas várias questões que essencialmente podem reduzir-se a uma, a qual vamos tentar esclarecer dando a nossa opinião, que cremos ser, em termos gerais, partilhada por quantos têm estado ligados ao assunto.

Não havendo ainda no nosso País a profissão oficializada de enólogo, como será possível formar um organismo que os reúna?

Não temos, na verdade, diplomados enólogos, mas temos «enólogos de facto», que à enologia têm dado o melhor do seu esforço profissional.

Serão estes «enólogos de facto», que iniciarão o organismo da classe, dando-lhe como é óbvio, uma existência legal e oficial.

Porque nos merece o maior respeito e define bem o melindre do assunto, transcrevemos com a devida vénia, uma das

respostas dada pelo Prof. Luís Cincinato da Costa às perguntas que lhe foram feitas no boletim do Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos.

«Quais os requisitos a que deve obedecer a qualificação de enólogo?»

— Ainda é cedo para me pronunciar sobre o assunto, pois ele tem de ser cautelosamente estudado para se estabelecerem as necessárias regras. Assim sucedeu em França e assim sucederá em toda a parte, pelo menos nesta fase de transição».

Em França, quando se formou a «União Nacional de Enólogos» tiveram admissão imediata todos os enólogos diplomados. Aos não diplomados foi-lhes facultado requererem a admissão, mediante a apresentação de documentos comprovativos da sua actividade em enologia. A apreção dessas provas documentais determinava a admissão ou a exclusão.

É natural que o caminho a seguir por nós, seja idêntico, nesta fase de transição.

Se se enveredar pela apresentação de provas documentais, quais elas serão, não o sabemos, visto o assunto carecer de profundo e minucioso estudo, de forma a serem consideradas as posições até agora conquistadas e a salvaguardar os interesses das mesmas.

Neste aspecto não podemos, nem devemos, pecar quer por intransigência quer por negligência.

Pensamos que seja possível depois, a emissão de um certificado profissional, por parte do organismo em causa, oficializando a profissão dos seus associados.

Acreditamos que entretanto se crie o «Curso de Enologia» e a partir daí, somente deverão ser considerados enólogos, os diplomados desse curso pelo que, naturalmente, apenas esses poderão vir a inscrever-se no organismo profissional.

Para finalizar e resumindo, resta-nos reafirmar que se considera da maior necessidade e urgência a criação de um «Curso de Enologia», de nível universitário, e a formação de um «Organismo de Enólogos» ambas estas iniciativas tendo como meta final, além do mais, a integração na União Internacional de Enólogos, em formação.

# A 42.a Semana Anual dos Clubes dos 4-H no Estado de Wisconsin

Por MIGUEL EUGÉNIO G. DE MELO E MOTA  
Eng. Agrónomo

A organização da juventude rural é assunto muito distante das minhas funções oficiais mas a que, desde há muitos anos, não deixo de prestar atenção porque me parece a um tempo um problema fascinante e de importância capital para o bom progresso da agricultura de qualquer país. Sobre ele versava o primeiro artigo que publiquei na *Gazeta das Aldeias*, no ano de 1948. Nos 15 anos que decorreram desde essa data e com maiores ou menores intermitências, procurei, sempre que a oportunidade se me oferecia, agitar o assunto em variadas tentativas para a sua concretização em Portugal. A minha modesta actividade variou desde artigos e palestras até umas três ou quatro propostas detalhadas de algumas formas de lhe dar realização.

Em 1960, quando a J. A. C. realizou em Coimbra um «Curso de Extensão Agrícola», tive a honra de ser chamado a proferir uma palestra sobre os clubes agrícolas da juventude em vários países do mundo. Dessa palestra e ainda durante o curso resultou a criação dos Clubes dos 4-E (Estudar, Experimentar, Executar, Ensinar), a denominação que receberam por sugestão do meu colega Marcelino Rocha, que foi unânimemente adoptada. Sobre o assunto já em tempos escrevi algo na *Gazeta das Aldeias*. Os Clubes dos 4-E, com o apoio dos serviços Oficiais, em especial da Direcção Geral dos

Serviços Agrícolas e da Junta de Colonização Interna, têm continuado a singrar sob o comando do Eng. Marcelino Rocha e é natural que muitos dos leitores da *Gazeta das Aldeias* já com eles tenham tomado contacto directo.

Além de leituras que me diziam o que eram e como funcionavam, pelo mundo fora, essas organizações, nunca hesitei, sempre que me encontrava em país estrangeiro e tinha oportunidade de o fazer, em me desviar um pouco do meu caminho e gastar um pouco do meu tempo para ver «in loco» o sistema em funcionamento. Assim, em 1953 pude tomar contacto directo com os «Clubes dos Jovens Agricultores» da Grã-Bretanha, assistindo a um grande Rally no País de Gales. Em 1956, durante uma curta estadia no Japão, visitei, nos arredores de Tóquio, acompanhado por um funcionário do Ministério da Agricultura, um dos clubes dos 4-H, que foram iniciados durante a ocupação americana e hoje florescem em grande escala. Ai fui bombardeado com perguntas a respeito do nosso País e de como eram os nossos clubes dos 4-H, pergunta que me obrigou a confessar que ainda não existiam e estavam «em organização». Em 1957 assisti no Tennessee a uma grande reunião dos clubes 4-H de todo o Sudeste dos Estados Unidos, uma reunião em que se concentraram vários milhares de rapa-

zes e raparigas e onde se efectuaram os concursos para apuramento dos campeões dessa região.

Finalmente, em 1962, depois de, em Abril, ter tido oportunidade de discutir o assunto dos clubes dos 4-H com um funcionário do Departamento da Agricultura, em Washington, pude assistir, em Madison, de 12 a 15 de Junho, à 42.ª Reunião Anual dos Clubes dos 4-H do Estado de Wisconsin.

Os problemas de que me ocupava nesse momento não me deixavam tempo livre para assistir todos os dias a todas as cerimónias da reunião. Apenas assisti, por essa razão, a algumas das que mais me interessavam e que o meu trabalho permitia, sem prejuízo das experiências que tinha em curso.

O simples facto de essa ser a 42.ª Reunião Anual nos mostra como a organização tem raízes fundas e bem estabelecidas. Portugal, com uma agricultura velha de muitos séculos, está agora a esgravatar num terreno em que os americanos mostram uma experiência de várias décadas, com valiosíssimos resultados sobejamente demonstrados a longo deste período.

A reunião levou à capital do Estado de Wisconsin cerca de 1000 rapazes e raparigas, os melhores escolhidos entre os clubes dos 4-H de todo o Estado. Estavam presentes, igualmente, quatro rapazes e duas raparigas de países estrangeiros.

A sessão inaugural efectuou-se no teatro da Associação dos Estudantes da Universidade na tarde do dia 12 de Junho. Constou da apresentação das bandeiras (nacional e dos 4-H) e de alguns discursos, entre os quais um sobre «O papel da juventude no mundo de hoje».

Ao fim da tarde desse mesmo dia realizou-se uma tocante cerimónia ao ar livre, sob o nome de «Reflexos ao sol posto». Numa encosta relvada do «campus» da Universidade, mesmo em frente do belo lago Mendota, emoldurado de arvoredo, reuniram-se os participantes para ouvirem algumas recitações, para cantarem algumas canções e para tomarem parte na plantação duma árvore. Esta última parte foi dirigida pelo Eng. Silvicultor Ted Peterson, dos serviços flores-

tais, que colocou na cova já aberta uma árvore jovem, enquanto os delegados dos diferentes concelhos de todo o Estado de Wisconsin vinham depositar nessa cova um pouco de terra trazida do seu concelho. O Eng. Peterson fez também uma pequena alocução em que exaltou o culto da árvore.

Não me foi possível assistir a nenhuma cerimónia da manhã e tarde do dia 13, mas apenas à que se realizou à noite, sob o título de «Noite do Talento». Constou de algumas peças musicais e de teatro por membros dos clubes dos 4-H, numa excelente demonstração das actividades extra-agrícolas dos clubes.

No dia 14 pude assistir de manhã a uma sessão em que os seis delegados estrangeiros foram «entrevistados» em público e de bom grado responderam a inúmeras perguntas sobre a vida e a agricultura dos seus países. Os países representados eram Israel, Honduras (onde estes clubes se chamam dos 4-S), Alemanha, Suécia (onde há 22 000 membros nos clubes da juventude agrícola), Turquia (onde os clubes se chamam dos 4-K) e Peru (onde a organização juventude tem as iniciais CAJP, do nome «Clubes Agrícolas das Juventudes do Peru»). A vantagem deste intercâmbio é notória pelo que contribui para o alargamento de vistas e melhor compreensão dos povos de outras terras.

Na noite desse mesmo dia houve uma sessão em honra dos «Amigos dos 4-H». Nessa reunião foram entregues prémios a antigos membros dos Clubes dos 4-H que se tinham distinguido especialmente em variados sectores e a algumas pessoas que têm tido papel especial na tarefa de ajudar os Clubes dos 4-H.

Mais de 500 000 jovens passaram já pelos Clubes dos 4-H no Estado de Wisconsin. Meio milhão de jovens que, ao longo dos anos, nessa parcela dos Estados Unidos, receberam uma educação extra-escolar valiosíssima, tanto sob o ponto de vista estritamente técnico-agrícola como no mais largo âmbito da sua função como cidadãos. Alguns deles trabalham hoje com os Clubes dos 4-H, ou como conselheiros, voluntários ou, alguns



que, entretanto, se formaram na Universidade, oficialmente, como membros do Serviço de Extensão.

Um dos recipientes dos prémios, o Sr. Melvin Martin, tinha sido em 1940 um dos campeões dos Clubes dos 4-H do Wisconsin e participou no acampamento nacional desse ano. Em 1953 o Sr. Martin teve a infelicidade de cegar, mas esse facto não o impediu de continuar a trabalhar com os rapazes dos Clubes 4-H que orienta e ajuda. Na ovação que a assistência lhe dispensou avaliava-se todo o carinho, respeito, amizade e consideração que uma tal pessoa merece.

Presentes nessa sessão e fazendo a entrega dos prémios encontravam-se muitas individualidades em destaque no sector agronómico do Wisconsin, incluindo o próprio Deão da Agricultura, Eng. Agrónomo R. K. Froker, que dirige simultaneamente a Investigação Agronómica, o Ensino da Agronomia e o Serviço de Assistência Técnica (Extensão). Nesta cerimónia era bem evidente que os Clubes dos 4-H nos Estados Unidos, sendo uma organização da juventude, não são, com certeza, uma brincadeira de crianças.

A segunda parte dessa sessão constou da apresentação da banda e do coro dos Clubes dos 4-H do Estado, num conjunto magnífico e de alto nível, executando peças difíceis com perfeição invejável.

O coro era dirigido pelo Professor de música Sr. Edward O. Hugdahl, um jovem entusiasta que me falava embevecido nos magníficos órgãos antigos que vira em Portugal, nem sempre, infelizmente, muito bem conservados.

Dir-se-á que nem tudo isto é Agricultura. Há que notar que Agricultura é mais do que simplesmente uma profissão. Agricultura envolve todo um conceito de vida e, por essa razão, actividades não agrícolas, mas que estão ou devem estar no âmbito da vida dos que se dedicam à Agricultura, não se podem dissociar dela.

Que os Clubes dos 4-H além das funções estritamente agrícolas, muito contribuem para a formação de homens de valor é atestado pelo facto de, recentemente, o Comandante Alan B. Shepard Jr., o primeiro astronauta dos Estados Unidos e antigo membro dos Clubes dos 4-H ter

recebido um galardão especial. O 41.º Congresso dos Clubes 4-H, reunido em Chicago, concedeu-lhe o prémio de reconhecimento, dado em cada ano a raros «antigos membros excepcionais que continuaram a viver segundo os ideias dos 4-H».

---

## A cultura da Nogueira e as vantagens da sua expansão

(Continuação da pág. n.º 453)

tanheiro — Alcobaca, quer enviando material doente para análise quer solicitando uma vistoria aos nogais infectados.

O ataque da nogueira por um fungo semelhante à *Phytophthora cinnamomi* Rands que provoca o mal da «tinta» nos castanheiros já foi comprovado não só por isolamento de material doente de nogueiras adultas como de jovens plantas de viveiro.

Os primeiros isolamentos do parasita verificaram-se em 1942 e em 1954 ao visitarmos um povoamento de nogueiras em Vila Pouca de Cernache, próximo de Coimbra, colhemos material doente do qual se isolou e estudou um fungo que se revelou semelhante à *Phy. cinnamomi*. Na propriedade em questão apenas uma percentagem muito reduzida de árvores não apresentavam sintomas aparentes do mal da «tinta».

Ensaio de parasitismo foram realizados com a cultura pura isolada verificando possuir um elevado grau de virulência sobretudo em relação a castanheiros. Estávamos portanto em presença de mais um foco semelhante a tantos outros que se manifestam pelo País sem que deles haja conhecimento por os proprietários prejudicados não os comunicarem aos Serviços Officiais. O mal alastra assustadoramente sendo necessário uma colaboração íntima entre técnicos e lavradores para evitar a perda de uma riqueza nacional mas sobre o assunto e os processos de identificação laboratorial esperamos fazer mais algumas considerações, num próximo artigo, as quais julgamos de interesse para uma futura valorização da cultura da nogueira.

(Continua)

# VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

## DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA  
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2493 pág. 298)

Ar. × Rup. n.º 1

**Aramon × Rupestris Ganzin n.º 1**

DE GANZIN

### 1 — Pâmpanos

*Abrolhamento*: vinoso, glabrescente.

*Estípulas*: com cerca de 6 mm de comprimento.

*Entrenós*: avermelhados do lado da luz; glabros ou glabrescentes; costado-

Ar. × Rup. n.º 1

-estriados, mais nitidamente nos entrenós superiores.

### FOLHAS NOVAS

*Coloração*: vinosas, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente verdes, com as nervuras geralmente avermelhadas na página superior, sobretudo junto ao ponto peciolar, nas folhas mais velhas.

*Recorte principal*: inteiras ou sub-trilobadas ou, por vezes, trilobadas.

*Recorte marginal*: lobos nitidamente dentados, o lobo superior geralmente destacado do recorte marginal.

*Aurículas*: muito afastadas ou sub-nulas, nas folhas mais novas, tornando-se menos afastadas, de bordos internos sub-pararelos e formando seio peciolar em V bastante aberto, nas folhas mais velhas.

*Limbo*: inicialmente empolado e depois com tendência a tornar-se liso ou sub-liso, glabro ou glabrescente na página superior e puberulento na inferior, sobretudo nas nervuras principais e secundárias.

*Peciolo*: em regra intensamente avermelhado, glabro ou glabrescente.

### 2 — Folhas adultas

*Dimensões e forma*: pequenas, quase tão largas como compridas, cordiformes.

*Recorte principal*: geralmente sub-trilobadas ou, por vezes, trilobadas; folhas da base do pâmpano frequentemente trilobadas.

*Recorte marginal*: lobos dentados, com os dentes tão largos como compridos; o lobo superior com o ápice sub-acuminado.

*Mucrão*: avermelhado, bem desenvolvido.

*Aurículas*: afastadas ou, por vezes,



bastante afastadas, formando seio peciolar em V, aberto ou muito aberto.

*Limbo*: espesso, sub-liso ou liso, com a página superior verde, sem brilho, glabra, e a inferior igualmente glabra, salvo nas nervuras principais e secundárias que permanecem levemente puberulentas; nervuras principais geralmente avermelhadas em ambas as páginas. O limbo, quando bem atempado, adquire uma tonalidade intensamente vermelha, característica.

*Peciolo*: nitidamente avermelhado, glabro; obsoletamente costado-estriado, com caneladura pouco acentuada ou indistinta.

### 3— Sarmentos

Castanho-alaranjados; entrenós de comprimento mediano ou curtos, de secção sub-arredondada, por vezes com uma face plana ou quase; em regra nitidamente costado-estriados; lenticulas de tamanho variável, aproximadas; gomos grossos.

### 4— Flores

Fisiologicamente masculinas.

### 5— Porte da planta

Sub-erecto.

Ar. × Rup. n.º 2

## Aramon × Rupestris Ganzin n.º 2

DE GANZIN

### 1— Pâmpanos

*Abrolhamento*: acobreado, tearaneo-cotanhoso, sobretudo nas nervuras principais das folhinhas.

*Estímulas*: com cerca de 4 mm de comprimento.

*Entrenós*: avermelhados do lado da luz; tearaneo-cotanhoso nos entrenós superiores e tearaneos ou ligeiramente



Ar. × Rup. n.º 2

tearaneos nos inferiores; costado-estriados, sobretudo nos entrenós superiores.

### FOLHAS NOVAS

*Coloração*: acobreadas, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente verdes, com as nervuras pouco avermelhadas em ambas as páginas, sobretudo na inferior, nas folhas mais velhas.

*Recorte principal*: frequentemente sub-trilobadas e por vezes trilobadas.

*Recorte marginal*: lobos dentados; o lobo superior geralmente com o ápice sub-acuminado e curvado em forma de garra.

*Aurículas*: geralmente afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U.

*Limbo*: empolado, com tendência a tornar-se liso ou sub-liso, de bordos tendendo a involutos, com a página superior tearanea ou nitidamente tearanea e a inferior tearaneo-cotanhilosa nas nervuras principais, nas folhas mais novas, tornando-se ligeiramente tearaneo na página superior e nitidamente tearaneo nas nervuras principais da inferior, nas folhas mais velhas.

*Peciolo*: avermelhado, tearaneo-cotanhiloso nas folhas mais novas e nitidamente tearaneo nas seguintes.

## 2—Folhas adultas

*Dimensões e forma*: pequenas ou medianas, tão largas como compridas, orbiculares.

*Recorte principal*: sub-trilobadas ou sub-quinquelobadas, menos vezes triloba-

Ar. × Rup. n.º 2



das; folhas da base do pâmpano trilobadas com regular frequência.

*Recorte marginal*: lobos dentados, com os dentes tão largos como compridos; os lobos superior e laterais com os ápices geralmente pouco destacados do recorte marginal, o superior sub-acuminado por vezes.

*Mucrão*: avermelhado, medianamente desenvolvido.

*Aurículas*: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U e um ângulo agudo no ponto peciolar; bastante afastadas por vezes, com seio peciolar em U bastante aberto.

*Limbo*: espesso, sub-liso, um tanto dobrado em goteira pela nervura principal mediana, com a página superior verde ou verde-ligeiramente clara, sem brilho, glabra e a inferior mais clara, igualmente glabra, salvo as nervuras principais e secundárias que se apresentam geralmente glabrescentes ou ligeiramente tearneas e com tufo de pêlos nas axilas nervais; nervuras principais geralmente avermelhadas na página superior.

*Peciolo*: avermelhado, glabrescente, com caneladura medianamente acentuada.

## 3—Sarmentos

Castanho-claro-alaranjados, com manchas vinosas, mais escuras, junto aos nós; entrenós de comprimento mediano, de secção acentuadamente elíptica, frequentemente com duas faces planas, por vezes com uma delas côncava, dando ao sarmento um aspecto nitidamente achatado; nitidamente costado-estriados e com nitidas costas grossas; lenticulas geralmente grandes, aproximadas; gomos medianos ou grossos.

## 4—Flores

Fisiologicamente masculinas.

## 5—Porte da planta

Sub-erecto.

# *Acerca da influência das rochas na formação dos solos*

Por ORLANDO DE AZEVEDO  
Engenheiro Silvicultor

**E** ainda hoje corrente relacionar os solos com a natureza da rocha sobre a qual se desenvolvem, isto é com a rocha-mãe como se designa em linguagem pedológica, conceito este que envolve implicitamente a ideia de que o solo somente depende da rocha.

Certo é que admitindo em dois diferentes pontos do globo dois solos desenvolvidos em rochas inteiramente iguais, tendo portanto todas as suas características mecânicas, físicas e mineralógicas idênticas, tal não se confirmaria desde que os outros factores que condicionam a formação do solo — clima, relevo, declive e exposição — fossem diferentes. Significa isto que uma terra formada num granito de Portugal é muito diferente da que se forma num granito da nossa Angola e igualmente diferente do que se possa formar na Escandinávia.

No estudo científico do solo tem necessariamente que se conjugarem todos estes factores. É da sua conjugação resulta defenirem-se e individualizarem-se tipos de solos cujas designações são adoptadas internacionalmente e passam a ser utilizadas correntemente na nomenclatura científica e técnica.

Se tem pouco significado reportar-se qualquer descrição de solos somente ao tipo de rocha menos ainda significa falar de solos somente com base na carta geológica.

Uma carta geológica indica-nos prin-

cipalmente a idade dos terrenos e, portanto, a época em que estes se formaram. Para esse efeito vale-se do testemunho de plantas e animais que viveram na mesma época e cuja presença ficou assinalada por um molde das suas formas feito pelo próprio terreno. Este molde designa-se por fóssil. Mas se os fósseis de uma dada época são comuns e específicos de todos os terrenos dessa época já o mesmo não se pode dizer das rochas visto que em qualquer época ou sistema geológico tanto podem aparecer xistos como os grés os conglomerados as areias ou os calcáreos.

Assim o terreno que a carta geológica de Portugal indica por cretácico inclui calcáreos de diferentes tipos na região que de Lisboa se estende até Mafra, grés na mancha de Torres Vedras às Caldas este muito parecido com o de Silves. Mas já na Louzã na base da Serra do mesmo nome se encontra um material muito pouco consistente nada parecido com os anteriores.

O mesmo poderíamos dizer dos outros terrenos. As manchas silúricas do país tão destacadas pela dureza das suas quartzites incluem igualmente xistos muito variados.

O que dissemos não significa, no entanto que a rocha não tenha importante papel na formação do solo e que mesmo por vezes, não lhe imprima feição característica. Assim sucede com calcá-

reos os quais constituem entre nós rocha extremamente variada quanto à sua composição compacidade e dureza.

Observam-se no presente caso 2 tipos de solos cujas características morfológicas são diferentes como também são distin-



Aspecto de perfil de solo formado sobre calcáreos duros e bem drenados

tas as suas características químicas. Um destes solos cujas cores são acentuadamente vermelhas embora formados a partir de calcáreos brancos ou branco aczentados cujos fragmentos se encontram dessiminados em toda a massa do solo tem, no entanto, uma reacção ácida o que pode parecer à primeira estranho visto que a acidez resulta exactamente da falta de bases, particularmente de cálcio. Ora o cálcio, é conjuntamente com o carbono e o oxigénio, um dos principais elementos constitutivos do calcáreo. Na sua composição entra principalmente o composto denominado carbonato de cálcio formado por estes 3 elementos.

Este facto resulta precisamente de, a dentro do nosso clima, verificar-se a completa solubilização do carbonato de cálcio pela sua transformação em bicarbonato solúvel. Da sua solubilização resulta por fim um residuo terroso desprovido de carbonato de cálcio mas sòmente constituído por outros componentes do calcáreo.

Faltando o cálcio falta o principal elemento que mais concorre para dar ao solo uma reacção neutra, ou mesmo alcalina. Significa isto que o valor da reacção do solo é nestas terras calcáreas inferior a 7 (valor este que exprime a neutralidade) sendo por vezes tão baixo como 5,5.

Estes mesmos solos não dão efervescência com o ácido clorídrico como se poderia esperar de solos formados a partir de calcáreos.

Contudo, quando se trata de um calcáreo brando ou de uma marga já o solo toma aspecto inteiramente distinto porquanto o carbonato aparece distribuído em todo o perfil do solo cujas diferentes camadas dão uma forte efervescência com o ácido clorídrico.

A reacção é francamente alcalina, visto que o valor do Ph é superior a 7. Nestes solos as cores são pardas ou pardas aczentadas. São bem estruturados, isto é apresentam uma boa agregação e oferecem boas condições de cultivo.

Em toda a extensa região de calcáreos do nosso país se encontram, e por vezes lado a lado, estes 2 tipos de solos. Vemos os primeiros, de forma bem expressiva, formados a partir dos calcáreos duros de Vila Viçosa, Leiria e mesmo uma estreita mancha no litoral, junto a Cascais. Encontramos os segundos largamente representados no distrito de Santarém.

Do que dissemos se depreende que embora sobre um mesmo material originário — o calcáreo — se formam neste caso dois tipos de solos bem distintos no seu aspecto, fertilidade e aptidão cultural.



# O regime alimentar dos macacos

Por JOSÉ CARRILHO CHAVES  
Médico Veterinário

MUITOS dos nossos rapazes que tão briosamente defendem os direitos sagrados de Portugal Eterno e Indivisível, nas províncias ultramarinas, tão portuguesas como quaisquer das outras que constituem o nosso rincão metropolitano, o «jardim da Europa à beira mar plantado», que «tantos mundos deu ao mundo» costumam, quando regressam às suas terras natais, depois de terem cumprido o mais sagrado dever com a Mãe-Pátria, trazer recordações vivas das terras por onde andaram em serviço de soberania.

Uns trazem periquitos, papagaios, saguis, outros agradávelhe mais um macaco.

Um nosso amigo, componente da Força Aérea, quando regressou da Guiné Portuguesa, trouxe além dos periquitos, o clássico macaquito.

Chegou à metrópole no fim da passada Primavera, quase há um ano portanto, e o Chico, assim se chama o símio não estranhou grandemente o nosso clima, porque a seguir veio o Verão, que como sabemos aqui em Pombal é bastante quente.

Na quinta que o nosso amigo possui, existem muitas árvores de fruto, e o Chico andando à solta estava quase no seu elemento, comendo também bananas, estas como é óbvio compradas no mercado.

Como o Chico começasse a fazer estragos, foi preso e habituaram-no não sabemos a conselho de quem ao regime omnívoro, comia peixe, sopa, etc.

Durante alguns meses tudo decorreu bem aparentemente. Veio o Inverno, escassearam os alimentos verdes, e com a alimentação constituída por substâncias cozinhadas, impróprias portanto para o regime alimentar do macaco, aquela provocou neste o aparecimento na ponta da cauda, duma ferida, que o símio roia, não a deixando cicatrizar, fenómeno patológico que há mais duma vintena de anos verificamos noutro macaco, que igual-

mente era submetido a regime omnívoro, e que já nessa altura nos tinha levado a concluir que essa ferida era proveniente duma avitaminose.

O Chico, além da ferida da cauda, começou por perder a vivacidade, dei-



xando de comer, apresentando-se triste e abatido.

Foi nestas circunstâncias que o trouxeram à nossa presença, e rapidamente verificamos que a mucosa bucal estava profundamente alterada, descamava-se. As gengivas edemaciadas escondiam os dentes. O macaquito parecia desdentado. Não poderia haver a mínima dúvida — estávamos na presença duma avitaminose, provocada pela alimentação inadequada.

A cauda esteve prestes a ter que ser amputada quase pela base, pois apresentava variadíssimos focos de supuração, e parecia que «estava a secar», como me dizia o dono. Têcnicamente existiam vários focos de necrose.

Prescrevemos óleo de fígado de bacalhau, sumos de laranja e limão, ricos em vitaminas. Mandamos cessar prontamente o regime omnívoro, e em sua substituição indicamos a alimentação adequada para o infeliz deslocado: além de frutos, hortaliças e alguns grãos de cereais: bananas, maçãs, amêndoas, nozes, grelos de couve ou nabo, grão-de-bico, milho e fava, constituindo alimentos preferidos, além de outros.

Tentamos, ou por outra, o dono tentou por várias vezes ministrar-lhe cálcio, carvão vegetal triturado misturado nos alimentos, mas com essas misturas o Chico não comia absolutamente nada.

Para o tratamento da cauda, como medicação interna, misturada num pouco de leite, que ele sempre bebia muito bem, prescrevemos a Rovamicine, mas era preciso que o Chico não desconfiasse que o leite não era simples porque de outra forma não havia processo de o obrigar a tomar o leite, fingia que o bebia mas depois deitava-o fora, e desta forma o mal da cauda em vez de se atenuar ia progredindo.

Como medicação externa, utilizamos vários farmacos, mas o que rapidamente atingiu o desejado desiderato — a conservação da cauda —, foi a tintura de Chloromycetin, especialidade «Parke-Davis», especificadamente indicada no tratamento Peeira dos Ovinos.

Providencialmente recebemos uma amostra do produto, mas como de momento não tínhamos casos de peeira, resolvemos ensaiá-lo neste doente, pois

sabemos que a Cloromicetina tem um vasto espectro clínico, e assim conseguimos que o Chico não fosse despojado do apêndice caudal, que nos macacos como todos sabemos, funciona muitas vezes como um membro, enroscando-se às árvores para lhes facilitar os saltos e habilidades verdadeiramente diabólicas.

Como se vê na fotografia intercalada no texto, o Chico está deliciando-se a comer um molhinho de grelos de couve que ele próprio arrancou da horta.

---

## ENSINAMENTOS ÚTEIS

(De Rádio Rural)

As plantas, através das suas raízes, retiram do solo a água e as matérias minerais dissolvidas de que carecem para o seu desenvolvimento.

São pois as raízes, órgãos indispensáveis que se não devem maltratar. Aquando da realização dos amanhos culturais, senhor agricultor, tenha a preocupação de não atingir, por forma prejudicial, as raízes das plantas.

\*

Uma vaca leiteira deve ter na sua ração todos os elementos que lhe permitam realizar a produção máxima compatível com as suas possibilidades.

A alimentação deve ser abundante e convenientemente equilibrada entre os seus diversos constituintes. Muito alimentada, a vaca tende a engordar demasiadamente, o que pode diminuir o respectivo rendimento, aumentar o preço do custo do leite e causar perturbações de vária ordem. Mal alimentada, ela perde peso, produz menos e fica mais exposta às doenças.

Aqui, como em muitos outros campos, também se confirma que «no meio é que está a virtude»!

**Propagar e difundir a «Gazeta das Aldeias» é um dever que se impõe aos que da Terra vivem.**



# A COOPERAÇÃO NA AGRICULTURA

## Associações Mútuas de Seguro de Gado

Por VALDEMAR CARNEIRO DA SILVA  
Eng. Agrónomo

**N**A sequência do que já se disse, ao tratar genericamente o tema *A Cooperação na Agricultura*, tendo-se apontado as expressões mais frequentes deste tipo de associativismo, e não querendo faltar ao prometido, estudar-se-ão desta vez os casos mais flagrantes das Cooperativas de Seguros Mútuos, designados por *Associações Mútuas de Seguro de Gado*.

Sendo um assunto conhecido de uma boa parte dos lavradores do nosso meio, através de associações do género de que fazem parte, talvez não tenham contudo pensado bem nos pormenores que envolve a vida destas organizações, aparentemente tão simples. É precisamente o estudo desses pormenores que se pretende hoje fazer, analisando-os com a simplicidade própria das coisas do campo. Para o efeito vamos apresentar o seguinte plano de trabalho:

- 1 — Em que consistem estas associações
- 2 — Condições e processos para a sua organização
- 3 — Orgânica e funcionamento destas associações
- 4 — Diferentes modos de funcionamento quanto à obtenção de receitas e pagamento das despesas
- 5 — A convivência dos associados
- 6 — Males mais correntes nestas associações.

### 1 — Em que consistem estas associações

É fácil de ver que a principal função destas associações é a de segurar os

gados dos lavradores que formam a sociedade. Funcionam como as Companhias de Seguro, arrecadando receitas para poderem fazer face às despesas; recebendo prémios de seguro que lhes permitem pagar os prejuizos resultantes dos sinistros havidos com os animais dos associados.

Apesar de trabalharem como se fossem Companhias de Seguros, não têm por finalidade principal obter lucros, e é neste facto que fundamentalmente diferem das organizações comerciais (Companhias de Seguros). Com efeito, nestas associações procura-se, na medida do possível, fixar uma taxa de seguro que seja a mínima indispensável para fazer face a todas as despesas que a sociedade tiver de efectuar com pagamento de sinistros, medicamentos, assistência veterinária, deslocações, impressos, etc..

É ainda de salientar que, como em todo o tipo de cooperativas, também neste caso há o interesse nitido de evitar a acção do intermediário, através da dispensa total de capitais estranhos, que forçosamente teriam de ser compensados por um juro, muitas vezes bem avultado.

Postas estas considerações, parece agora mais fácil compreender o nome genérico, tão comprido, que habitualmente se dá a estas organizações ou sociedades: *Associações Mútuas de Seguro de Gado*. Chamam-se *associações* porque são constituídas por vários lavradores (a Lei exige pelo menos dez associados para se organizar uma associação); *mútuas* porque há uma colaboração de todos, contribuindo duma forma que entre si acordarem para o pagamento dos pre-

juízos e despesas havidas com os animais de qualquer sócio; *de seguro de gado* porque tem por finalidade principal aceitar ou cobrir os riscos neste ramo de exploração agrícola.

Se já se sabe em que consistem, interessa saber a forma como se organizam, assunto que a seguir se estuda.

## 2— Condições e processos para a sua organização

As condições legais a que devem obedecer estas associações encontram-se estabelecidas na parte aplicável dos Decretos n.ºs 4022 de 29/3/1918; 5219 de 8/1/1919 e da Lei n.º 1199 de 5/9/1921 cujo enunciado não se transcreve, por se julgar um tanto moroso e de menos interesse para o fim que se tem em vista.

Como já atrás ficou dito, para que qualquer mútua de seguro de gado se organize e possa funcionar legalmente constituída, torna-se necessário que o número de lavradores associados não seja inferior a dez. Evidentemente que a associação será tanto mais forte e mais possibilidades de prosperar terá, quanto maior for o número de lavradores que se queiram juntar, estando todos dispostos a dar o melhor do seu contributo para o fim em vista. O número de associados mais corrente, em grande parte das mútuas do Norte do país, anda à roda da centena e meia, sendo algumas vezes ultrapassado com vantagem.

Promovida a organização da mútua, deve ser elaborado o seu título de constituição. Este título, de acordo com o disposto no Decreto n.º 13734 de 31/5/1927, será lavrado em triplicado sendo as três cópias assinadas por todos os sócios fundadores, na presença do notário público, o qual certificará, valendo como escrituras públicas, para qualquer efeito.

Se na localidade sede da associação não houver notário público, podem os mesmos documentos ser lavrados na presença de um professor primário oficial, que igualmente os certificará, sendo testemunhas suficientes o regedor e o presidente ou secretário da junta de freguesia.

Tratando-se de associações agrícolas, naturalmente pobres, a lei prevê que os

três exemplares de título de constituição sejam escritos em papel comum de vinte e cinco linhas, o que efectivamente pouco encarece esta obrigação expressa na lei. Em tudo o mais, devem ser observados os preceitos seguidos na elaboração de qualquer escritura pública.

Através da observação directa de alguns casos concretos, tem-se chegado à conclusão de que muitas são as mútuas que funcionam mal, precisamente porque os associados, dirigentes ou dirigidos, pouco ou nada conhecem das obrigações a que estão sujeitos e dos direitos que lhes assistem. Por este motivo, e embora o assunto nada venha trazer de novidade em relação ao que se passa em colectividades parecidas com estas, parece oportuno tratar o terceiro ponto do plano acima referido.

## 3— Orgânica e funcionamento destas associações

Como quase todas as organizações de carácter associativo, também as mútuas de seguro de gado trabalham com três corpos directivos a saber:

- a) Assembleia Geral
- b) Direcção
- c) Conselho Fiscal

Por necessidade, e atendendo ao seu trabalho específico, o de realizar operações de seguro e, tomadas ainda em consideração as condições do meio em que actuam, quase todas as mútuas funcionam também com:

- Uma ou mais comissões de vigilância
- Uma ou mais comissões avaliadoras

Dir-se-á, resumidamente, em que consistem estes órgãos.

a) *Assembleia Geral*: representa, por assim dizer, o poder legislativo dentro do âmbito da associação. É constituída pela totalidade dos associados, tendo cada um deles um voto igual. Este órgão tem o poder máximo, estando no entanto sujeito às disposições dos Estatutos que a regem. Para o funcionamento da Assembleia Geral, os associados escolhem entre si uma mesa, que preside às reuniões, sendo constituída normalmente por um presidente e dois secretários.

Como atribuições mais evidentes deste corpo directivo indicam-se as seguintes: discutir e votar o balanço e as conclusões dos relatórios da direcção e o parecer do Conselho Fiscal; julgar as contas de gerência; eleger a sua mesa, a Direcção e o Conselho Fiscal, fixar as remunerações ao pessoal que trabalha para a associação; deliberar sobre os assuntos para que for convocada em especial.

b) *Direcção*: este corpo gerente é constituído por associados no gozo dos seus direitos civis e políticos, tendo pelo menos três directores efectivos e três substitutos, que preenchem respectivamente os cargos de: presidente, secretário e tesoureiro. As funções deste órgão são bastante complexas, abrangendo todo o serviço que se pode designar de gerência da sociedade, podendo resumir-se no seguinte enunciado: administrar os serviços da associação de acordo com os estatutos e em conformidade com as decisões da assembleia geral, promover a prosperidade da associação e solicitar a convocação da assembleia geral sempre que julgue necessário; elaborar e submeter à aprovação da assembleia geral a tabela das jóias de admissão dos sócios, das taxas de inscrição de animais, das taxas de seguro, as tabelas de multas, a relação das penalidades e sanções, etc., elaborar anualmente um relatório em que apresente contas dos seus actos de gerência para ser apreciado pela assembleia geral, etc..

c) *Conselho Fiscal*: órgão directivo, eleito pela assembleia geral é também constituído por três elementos: um presidente e dois vogais. Tem por missão principal verificar as contas da associação, para o que pode consultar os livros sempre que julgue conveniência nisso. Normalmente reúne em sessão ordinária uma vez por trimestre analisando a escrituração da mútua. No desempenho das suas funções pode, designadamente: assistir às reuniões da direcção tendo voto consultivo, verificar se os actos da direcção estão de harmonia com a lei, requerer a convocação da assembleia geral quando julgue necessário. Deve ainda dar o seu parecer, por escrito, sobre o balanço e as contas anuais da associa-

ção: responder também por escrito, sobre todos os assuntos, quando a direcção lhe solicite opinião.

\* \* \*

A comissão ou comissões de vigilância, bem como as comissões avaliadoras são órgãos que completam a acção dos três já atrás indicados: Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal. As primeiras têm, como o nome indica, a função de ver como o gado é tratado por cada um dos associados e dar conhecimento à Direcção; as Comissões Avaliadoras calculam o valor dos animais que os associados apresentam para seguro, procedem às reavaliações temporárias do gado inscrito e dão a sua opinião sobre os prejuízos que a mútua terá de pagar aos associados em casos de morte, aleijão ou desvalorização do gado por acidente ou doença.

Sobre o funcionamento de cada órgão poder-se-iam fazer considerações oportunas, minuciosas e mais esclarecedoras das suas funções privativas, mas não foi essa a índole que se deu a estes apontamentos.

Se assim se procedesse, forçosamente se tornaria pesado um assunto a que se pretendeu dar um cunho de leveza e de fácil leitura, deixando de ter o interesse prático que devem ter as coisas ligadas à vida do campo.

Um dos aspectos que mais interesse costuma levantar entre os associados é o que se relaciona com quanto têm de pagar à associação e com os benefícios que da mesma esperam vir a receber. O problema que aqui se verifica já é muito antigo: *para receber está tudo sempre bem; para pagar, vamos lá com calma.*

Este ponto, o de pagar e o de receber constitui a operação fundamental da associação, não contando com o benefício que para cada sócio pode resultar pelo facto de se sentir constantemente apoiado pela organização que ele próprio ajudou a nascer.

Oportunamente será encarado este ponto e os acima apontados procurando-lhes dar o realce que merecem.

(Continua)

## CAÇA E PESCA

# Para quando o Rio Minho?

por ALMEIDA COQUET

IV

É verdade que não são brilhantes as perspectivas para a recuperação do Rio Minho, no que se refere ao Salmão do Atlântico — *Salmo salar* — não só pelo corte das correntes migratórias em Los Peares e dos resíduos carboníferos do Sil, como também pela nova barragem projectada em Friearas.

Mas não é caso para se abandonar a ideia de defender a existência desse magnífico peixe que há mais de três séculos mantém o nome de REI DOS PEIXES!

Noutros países se têm levantado dificuldades idênticas, principalmente na Escócia, onde a concessionária exclusiva para os aproveitamentos hidro-eléctricos, a NORTH OF SCOTLAND HYDRO-ELECTRIC BOARD, tem já elevado número de barragens cortando alguns dos rios salmoneiros mais célebres, com as centrais hidro-eléctricas em pleno funcionamento há vários anos.

Desde as passagens com «escadas» e elevadores para os salmões e trutas mariscas, até às grandiosas instalações piscícolas (hatcheries) incorporadas na estrutura das paredes das barragens, tudo tem feito para suprir o corte no processo natural da reprodução.

Ora, segundo informações provenientes dos nossos vizinhos, parece não haver dúvida de que o salmão tem desovado até Los Peares, quer no próprio Rio Minho, quer em seus afluentes. Assim, é conhecido o aparecimento de «pintos»

— designação espanhola para os pequenos salmões com cerca de dois anos — pelo menos no afluente Tea.

E ainda, recentemente, a captura perto de Goyan, de dois salmões de cerca de 15 quilos cada um. Dado o tempo a que está construída a barragem de Los Peares, fatalmente nasceram estes dois salmões no Minho, depois de realizada aquela obra.

Quer dizer, tem havido criação de salmões: só terá de haver, portanto, que desenvolver ou melhorar as condições existentes, para que a criação aumente. Será isso tão difícil?

Não falando no tão precioso acordo Luso-Espanhol quanto à regulamentação da pesca e fiscalização no Rio Minho, que tem de se promover e concretizar com a maior rapidez possível, há sem dúvida que organizar um núcleo de cientistas para estudos e investigações no Rio Minho.

A ideia deste núcleo com participantes das duas nações peninsulares, partiu do lado espanhol conforme se viu na transcrição que já fizemos de parte do artigo do «FARO DE VIGO» de 22 de Março passado, onde diz:

«... defendendo a criação, o mais cedo possível, de uma estação hidro-biológica, com pessoal «misto hispano-português, que faça um estudo da «arribação das espécies, lugares de desova, e das «causas que contribuem para a decadência actual «do rio».

Note-se, do lado espanhol não estão inactivos.

Já se encontra organizada, instalada e a trabalhar, uma Comissão Delegada do «SERVICIO NACIONAL DE PESCA», colhendo informações *in loco*, tão úteis a trabalhos futuros.

No entanto, essa cooperação de cientistas dos dois lados, poderia ser até uma resultante do que em Março de 1958 ficou exarado na acta da Sub-Comissão Internacional de Limites, composta de

cio dos trabalhos de uma COMISSÃO PERMANENTE INTERNACIONAL DO RIO MINHO, prevista no dito regulamento.

Estamos agora em Junho de 1963, isto é, decorridos CINCO ANOS E DOIS MESES após a terminação dos trabalhos acima mencionados. Porque parou — ou morreu — este trabalho todo?

Não será ocasião de se procurar novo contacto com os nossos vizinhos para



Uma das grandes possibilidades do Rio Minho, a TRUTA DE MAR, que na pesca desportiva ocupa lugar de destaque depois do salmão. Mas não se poderá admitir jamais a sua destruição com redes, nos grandes poços do rio, quando ela se apresta para a desova, como até aqui tem sido permitido

delegados portugueses e espanhóis, então reunidos em Lisboa:

«Reafirmar que a rede hidrográfica do Rio «Minho deve ser considerada como uma unidade biológica, sendo portanto indispensável que as «medidas de defesa das espécies sejam cumpridas «com rigor e de forma paralela nos diferentes troços do rio, tendo em conta as suas respectivas «características e modalidades». (Faro de Vigo, de 12/4/63).

Mais ainda. Devemos ter em conta que esta afirmação foi consequência do amplo trabalho levado a efeito por aquela Sub-Comissão, onde foi apreciado e estudado um regime de pesca fluvial fronteiro no que se refere ao Rio Minho. E além de aprovado esse regulamento, foi recomendada a aplicação urgente do mesmo; e até, com igual urgência, o ini-

se entrar a valer nas soluções pretendidas?

Sem dúvida. Tanto mais que seria útil examinar o projecto da nova barragem a construir em Frieiras, para ver se é viável obter-se *passagem* aos salmões e trutas mariscas na corrente migratória ascendente até Los Peares. E isso só será possível, se vier a haver um perfeito entendimento entre as partes interessadas.

Morreu o projecto de regulamento apreciado em 1958? Pois que se faça reviver, que se modifique e corrija onde for preciso, mas que se não perca esse trabalho.

Das várias situações que ocorrem neste «desentendimento», podemos dar aqui um exemplo. Tem aquele projecto um capítulo dedicado às artes de pesca profissio-

## MIRANTE

# HORÁRIOS DE TRABALHO

Pelo CONDE D'AURORA

**E**M tempos, acorri a um congresso apresentando uma comunicação sobre Horário de trabalho tradicional rural minhoto.

Porque — perante a ignorância do cidadão a tal respeito também ignorante — o horário de trabalho, de Verão e de Inverno, no agro interamnense, é um facto histórico de tradição consuetudinária secular.

Claro que nos trabalhos de campo, onde não impera a máquina, e, em especial, a máquina tailorisada — e o ar é limpo de poeiras e de outros tóxicos, e até de ruídos — o cansaço e o perigo não espreitam tanto amiúde.

Agora está na moda o exagero do horário de trabalho de semana inglesa — e seus propagandistas, unicamente cegos pela mira demográfica, esquecem que, se o Comércio seguir a Indústria no referido tipo de horário, os operários industriais, e o funcionalismo que já o está também utilizando não poderão fazer as suas compras.

Dizia-me há dias um barbeiro de aldeia:

— «Eu espero ansiosamente o Sábado para me desferrar dos outros dias da semana — se me fecham a loja ao Sábado, estou perdido!»

A não ser que se estabeleçam horários elásticos e variados para o Comércio — e porque não?

Porque hão-de todas as mercearias, e todas as livrarias, e todas as tabacarias — abrir às 9 e encerrar às 19?

Porque não as deixar abrir às 7 da manhã e encerrar às 11 da noite — se o seu pessoal trabalhar o mesmo número de horas que trabalhava quando abriam às 9 e encerravam às 19?

É infantil!

No Rio de Janeiro, o colossal armazém da Sears fecha, em certos dias da semana, às 10 da noite.

E cá, porque não seguimos aquele exemplo?

Mas ao menos, a não alegrarem as noites da lúgubre cidade — não lhe entristeçam a tarde de sábado...

nais e desportivas permitidas; e não vem lá mencionada a caça submarina. E no capítulo sobre penalidades, menciona como punível a pesca com artes não permitidas.

Como este projecto de regulamento não foi por diante, cada uma das partes resolve como melhor entende. E assim, do nosso lado, permite-se em pleno Rio Minho a caça submarina, o que tem dado lugar ao aparecimento de trutas mortas ou moribundas com ferimentos causados pelos dardos das armas sub-aquáticas. No entanto, do lado espanhol proibem tal... desporto! E ainda bem.

Mas não faz sentido que na mesma água vigorem dois critérios diferentes para o mesmo caso. Vê o leitor o resultado da falta de um acordo luso-espanhol?

E até certo ponto não admira que assim seja, visto que do nosso lado, temos uma lei que regula as águas interiores **TODAS**, inclusivé as dos nossos afluentes do Minho: Coura, Gadanha, Mouro, etc.; mas em conflito aberto com a regulamentação para o Rio Minho, que as nossas autoridades teimam incompreensivelmente em manter.

Como explicar esta dualidade? Como solucioná-la?

Julgo ser chegada a boa ocasião, visto que não podemos ignorar o que se vai passar no Rio Minho, do lado espanhol: — A CONSTRUÇÃO DA NOVA BARRAGEM ACIMA DE S. GREGÓRIO.

E estamos ainda a tempo de evitar maiores males.

# Serviço de

# CONSULTAS

## REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duilio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

### I — AGRICULTURA

N.º 58 — Assinante n.º 38 706 — Rio. Maior.

#### MISTURAS FORRAGEIRAS

PERGUNTA — Dizem-me que em França usam muito o azevém misturado com outras variedades de ervas para a constituição dos seus prados, com óptimo resultado.

- 1.º — Que variedades serão essas?
- 2.º — O azevém prefere terrenos ligeiros ou grossos?
- 3.º — Melhor época de sementeira?
- 4.º — Necessita sempre de água de lima, corrente, ou pode também ser semeado em terreno desprovido dessa água corrente?
- 5.º — Sofre com a geada?
- 6.º — Qual a adubação predominante?

RESPOSTA — 1.º Suponho que se querará referir ao estabelecimento dum prado temporário, e não dum ferrejo. Num ferrejo há sempre a considerar a precocidade das espécies a semear e a rapidez do crescimento. Não se quer dizer que

certas associações temporárias não sirvam igualmente para ervagens ou ferrejos. A associação gramínea-leguminosa, é aconselhável debaixo de todos os pontos de vista. Em França, e sem ser em França, e entre nós, também são recomendáveis várias consociações, entre muitas: Azevém castelhano (*Lolium Multiflorum*) — 25 kg, Trevo violeta (*Trifolium Pratensis*) 5 kg; ou Azevém castelhano 8 kg, Dactilo (*Dactylis*) — 7 kg, Trevo violeta, 6 kg; ou Azevém (*L. perenne*) 24 kg, Trevo branco (*T. Repeus*) 2 kg; ou Erva carneira — (*Festuca Pratensis*) 7 kg, Azevém (*L. Perenne*) 10 kg, Dactilo 6 kg, Trevo violeta 4 kg. Tudo por Ha.

2.º — Adapta-se a todos os terrenos de composição média. Prefere os terrenos frescos e ligeiros.

3.º — Quando os trabalhos de preparação do terreno se podem realizar oportuna e cuidadosamente, é preferível a sementeira Verão-Outono, a contar com as primeiras águas; em terrenos compac-

tos, muito fracturáveis, sementeira primaveril.

4.º — Basta que beneficiem das regas necessárias.

5.º — Pode atrasar o desenvolvimento da sementeira outonal.

6.º — O terreno deve encontrar-se bem estrumado. Pode aplicar, como adubação de fundo: superfosfato de cálcio 18 o/0 700 kg; Cloreto de potássio, 150 kg; Nitro-amoniacal 200 kg. Em cobertura, a distribuir por 2-3 vezes: 150 kg de nitrato de sódio. — *M. Ramos.*

\*

N.º 59 — Assinante n.º 37 358 — Carrazeda de Anciães.

### ERVA DE S. ROBERTO

PERGUNTA — Remeto uma caixa contendo uma erva que me dizem ser a erva de S. Roberto e ser boa para fins medicinais, para a dor de estômago, figado, etc.

Peço o grande favor de a identificar e de me dizer se, realmente, é a erva de S. Roberto.

RESPOSTA — Trata-se, na verdade, do *Geranium Robertianum* L., Erva Roberta, Erva de S. Roberto, Bico de Grou ou Salsa de Raposa. São-lhe atribuídas algumas virtudes medicinais, cujo perfeito fundamento desconheço. — *M. Ramos.*

---

## II — FRUTICULTURA

---

N.º 60 — Assinante n.º 45 189 — Lisboa.

### DRENAGEM DO POMAR

PERGUNTA — 1.º Tenho um pomar de macieiras e pereiras e gostava de saber o tratamento a fazer.

2.º Tenho também um pomar de citrinos novos e o chão de Inverno é muito encharcadisso; qual a melhor forma de elas passarem o Inverno sem se irem abaixo com o frio?

3.º Quero fazer um parreiral à frente da minha casa. Como deverei proceder? Tenho também noutro lado um pequeno parreiral e o homem a quem o comprei disse-me que todos os anos as abelhas comem as uvas todas. Como evitar isto?

RESPOSTA—1.º É indispensável sanear o terreno aonde está instalado o

pomar a fim de se evitar a asfixia radicular e com ela a morte das árvores.

Mesmo que as árvores não morram, se a asfixia radicular se não processar rapidamente, quer a produção quer a vegetação serão reduzidas.

É absolutamente indispensável qualquer que seja a espécie frutícola que o terreno do pomar seja bem drenado.

Para esse fim deverá abrir valas com 1,2 a 1,5 m. de profundidade, devendo estas seguir as linhas de maior declive, ficando mais ou menos espaçadas consoante a natureza do terreno, mais ou menos compacto, ou mais ou menos inclinado.

No fundo dessas valas deverão dispor-se manilhas com um diâmetro de acordo com o caudal a que deverão dar vazão, assentes em areão grosso, com os topos justapostos, por forma que a água do terreno possa entrar por essas juntas, secando o terreno.

Para a defesa contra os frios a primeira medida a tomar deverá consistir em não se plantarem citrinos fora das zonas com natural vocação para a sua cultura.

Os que, apesar de tudo, desejem cultivá-los fora dessas zonas de eleição deverão defendê-los usando meios apropriados nomeadamente:

estabelecimento de uma sebe viva do lado dos ventos dominantes-plantação de cupressus, choupos, etc.,

manter as árvores cobertas com uma calda bordalesa especial durante o Inverno, constituída por:

água . . . . .	100 litros
cal . . . . .	4 quilos
sulfato de cobre . . . . .	1 quilo

um molhante, nas percentagens indicadas pelo fabricante, e repetir o tratamento sempre que o revestimento diminua, já por ser lavado pelas chuvas já por perder a acção, cobri-los com palha, esteiras, etc., quando são pequenos.

2.º Deverá em primeiro lugar, mandar abrir uma vala a todo o comprimento da projectada parreira, ou de um e do outro lado, se o vão for grande.

Seguidamente estrumá-la muito bem, à razão de uns 40 a 60 quilos de estrume por metro corrente e escolher um porta-



-enxerto bem adaptado à região e ao terreno.

Se este for regado poderá plantar o Corriola.

A plantação deverá ser feita na altura própria de Novembro a Março, e no ano seguinte deverá poder enxertar.

Deverá escolher para o efeito as melhores castas de mesa, se deseja uvas para comer, ou de vinho se pretende vinificá-las.

Pode plantar videiras já enxertadas desde que as procure num viveirista de confiança, devendo exigir que estas estejam enxertadas num porta-enxerto bem adaptada à região.

Deverá adubar bem as videiras por forma a que estas se desenvolvam bem e assim cubram a parreira no mínimo espaço de tempo.

As abelhas causam por vezes estragos mas nunca da ordem dos que o Senhor Consulente indica.

Para os evitar o processo mais aconselhável será revestir os cachos com um cartucho de papel ou plástico, quando as uvas começam a amadurecer.

Não deverá usar insecticidas pois iria matar uns insectos muito úteis.—*Madeira Lobo.*

---

## VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

---

N.º 61 — Assinante n.º 45 079 — *Melgaço.*

### COCHONILHA BRANCA DA VIDEIRA

PERGUNTA—Numa pequena vinha que tenho, constituída principalmente por uvas de mesa de diversas qualidades, verifiquei, hoje, ao retirar um pouco da casca velha de uma das videiras, e que já se encontrava despegada do tronco, que por debaixo da parte da casca, ainda pegada ao tronco e que saiu juntamente com aquela, estavam umas coisas brancas, como da amostra que envio.

Experimentei se o mesmo sucedia em outras videiras, e em quase todas *tais coisas brancas.*

**VINHOS—AZEITES** — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º—LISBOA—Telefone P. B. X. 27130.

Não sei o que seja, nem se é prejudicial, e caso o seja, qual o remédio ou tratamento que se deva aplicar.

E, assim, venho rogar a bondade de me elucidar, informando complementarmente, que perto da referida vinha tenho um renque de tangerineiras e a seguir outro de macieiras, ficando os pés das árvores à distância de 1,80 dos pés das videiras.

RESPOSTA — Ainda antes que a videira rebente, limpe a cepa das cascas velhas que a recobrem, as quais sairão com facilidade por meio dum raspagem feita sem ferir. Depois, aplique em pulverização bem cuidada a seguinte calda:

Água . . . . .	100 litros
Arakol ou Citronol . . . . .	2 litros
Formidane ou Formiclor . . . . .	1 decilitro

Esta calda terá uma acção insecticida sobre as cochonilhas brancas que se verificaram na amostra enviada bem como terá ainda uma acção repulsiva apreciável sobre a formiga, a qual tem um papel preponderante na disseminação da praga referida.

A cochonilha mencionada também pode parasitar as citrinas a que se refere. A aplicação da calda indicada pode igualmente servir em Maio e Junho para sustentar a actividade do parasita, uma vez repetida 2 vezes a sua aplicação, com 3 semanas de intervalo.

A infecção das macieiras embora próximas das plantas atacadas é pouco provável pelo parasita, o qual se refere especialmente como planta hospedeira as citrinas e as videiras.—*Benevides de Melo.*

---

## XIX — MEDICINA VETERINÁRIA

---

N.º 62 — Assinante n.º 12 453 — *Vilarinho da Castanheira.*

### MACHO PORTADOR DE VERMES INTESTINAIS

PERGUNTA — Há bastante tempo que tenho um macho com gusanos; chegam mesmo a observar-se as larvas no anus, quando dejecta.

Já lhe mandei fazer alguns tratamentos, mas, até ao momento, sem qualquer resultado. Agora, pretendia aplicar-lhe uns clisteres de água cresilada, com o que não concordei sem ouvir a sua douta opinião.

Obsequiar-me-ia, pois, informando-me se devo

mandar dar-lhe os referidos clisteres ou qual a maneira de libertar o animal daquela praga que o não deixa engordar e lhe dá mau aspecto à pelagem, especialmente durante o Inverno.

RESPOSTA—Aconselhamos o senhor consulente a mandar administrar ao macho, o seguinte fármaco:

Vermifugo equidío «Witae»

S. São 14 papéis numerados de 1 a 14. Dar um papel por dia, seguindo a ordem numérica de 1 a 14.

Num pouco de pão, cujo miolo se abriu, deitar o conteúdo duma papelada, tapar o pó com o miolo, e oferecê-lo ao mu.

Também se pode utilizar um pedaço de folha de couve, enrolada à maneira dum cartucho, no interior do qual se deita o pó.

Não polvilhar a ração com este pó, porque a maior parte dele perde-se devido à acção da respiração do solípede. — *Carrilho Chaves.*

---

## XXIII — DIREITO RURAL

---

N.º 63 — Assinante n.º 44 596 — *Seia.*

### SERVIDÃO DE ESTILICÍDIO

PERGUNTA—Tenho uma casa já velha aonde reside minha mãe e um dos meus irmãos, e que herdei em parte de meu falecido pai.

Nas trazeiras da casa existe uma propriedade, hoje cultivada, mas em tempos bem recentes ainda inculca e ocupada por umas grandes carvalhas.

A minha casa tem beirados e águas de despejos para essa propriedade, beirados que existem há mais de 100 anos e despejos que se fazem desde a construção da casa.

A proprietária das terras que ficam nas trazeiras dessa minha casa, pretende agora ocupar toda a terra até junto da parede da minha casa e acaba agora fazendo um muro dividindo o seu do meu quintal, levando a pedra divisória a topar com a parede dessa minha casa.

Tem o proprietário meu vizinho de construir esse muro divisório, levando-o até topar na minha casa, ou terá que se limitar ao terreno em que não caem beirados ou despejos? Julgo que esta parte do terreno é ainda pertença minha e que, portanto, a minha vizinha não o podia invadir e nele construir uma parede.

Que me diz?

RESPOSTA—1. O art. 2327.º do Cód. Civil estabelece que «o proprietário deve edificar de modo que a beira do seu telhado não goteje sobre o prédio vizinho, deixando, pelo menos um intervalo de 5 decímetros entre os ditos prédios e beira, se de outro modo o não puder evitar».

Assim, em face desta disposição, parece que pelo menos meio metro de terreno para além da casa pertence ao Sr. Consulente. No entanto, supondo que a casa foi construída já estando em vigor o presente Código (22 de Marco de 1868), e que o seu proprietário de então não cumpriu o disposto neste artigo e que o proprietário do terreno vizinho não se opôs à obra, quid juris?

Entende a doutrina que, nesse caso, «a existência dum beiral a gotejar desde tempo imemorial sobre o prédio vizinho, se é prova de servidão *stillicidii* adquirida por prescrição, não o é da propriedade do dono daquele sobre o terreno em que a dita servidão incida. Esta propriedade terá de ser provada por meios directos...» (Cunha Gonçalves, *Tratado*, XII, pág. 89).

Quer dizer, na prática, e dada a costumada impossibilidade de prova de propriedade por meios directos, o beiral que goteja é unicamente prova bastante de que existe uma servidão.

2. Acresce que—e a casa indicada na consulta tem mais de 100 anos— a legislação anterior ao Cód. Civil permitia a construção até à extrema sem quaisquer limites.

Realmente o § 38 do Título LXVIII do Livro I das Ordenações Filipinas (edição da Real Imprensa da Universidade de Coimbra de 1806) estabelece que «se alguém tiver casa que lance água de seu telhado sobre a casa de seu vizinho o qual vizinho quizer fazer parede no seu, pode-lhe quebrar as beiras, e cimallas, e encanamentos, e alçar-se quando quizer», acrescentando que «tomar-lhe-á as águas e dará serventia para elas em tal maneira que o dito seu vizinho não receba dano».

3. A conclusão pois a tirar é que o Sr. Consulente tem o direito de que as suas águas caiam no terreno do vizinho, mas, por esse facto, esse terreno não lhe pertence. — *A. M. O. Pinheiro Torres.*



# INFORMAÇÕES

## Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

### COMUNICADO

A Comissão Executiva entende conveniente levar ao conhecimento dos produtores da Região Demarcada dos Vinhos Verdes o seguinte:

1) A Comissão Executiva acompanhou como lhe cumpre a evolução da situação do mercado de Vinhos Verdes, analisando repetidamente o seu condicionalismo, em face das realidades conhecidas e das estatísticas de movimentação dos vinhos saídos da produção.

2) Não obstante considerar normal, mesmo atendendo ao alto volume de produção na colheita anterior, o ritmo de escoamento, o facto de na 1.ª quinzena de Maio, senão em todas as zonas, pelo menos em boa parte da Região Demarcada, a nasença se apresentar promissora, (perspectiva aliás por enquanto ainda muito aliatória e sujeita a imprevisível condicionalismo meteorológico) conduziu a um estado de inquietação compreensível, com imediatos e desastrosos reflexos no mercado de Vinhos Verdes.

3) Por reconhecer imporem-no estas perspectivas, e situação, imediatamente a Comissão Executiva efectuou junto da Secretaria de Estado do Comércio, e com o patrocínio de Sua Excelência o Secretário de Estado da Agricultura, as diligências necessárias para se assegurar a realização de uma intervenção no mercado de Vinhos Verdes.

4) Posteriormente, em reunião da Secção de Vinhos da Corporação da Lavoura, realizada em 28 de Maio p. p. a requerimento da Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro e Minho, foi deliberado também solicitar do Governo, a realização dessa intervenção. Nessa Sessão o Presidente da Comissão de Viticultura teve oportunidade de expor detalhadamente a situação e perspectivas do mercado de Vinhos Verdes.

5) Também em reunião extraordinária do Conselho Regional da Agricultura da I Zona, efectuada em Braga, em 1 do corrente, na qual o Presidente da Comissão de Viticultura expressamente convidado expôs a situação, foi resolvido dar inteiro apoio às diligências e solicitação feitas pela Comissão de Viticultura.

6) A Comissão Executiva aguarda confiadamente que sejam tomadas Superiormente as decisões preconizadas, e que se reputam necessárias, de momento, à normalização do mercado de Vinhos Verdes, e ao afastamento das justificadas apreensões existentes entre os produtores, para anunciar a forma e data de início da sua execução.

## Encerramento de um Curso de Extensão Agrícola na Benedita

Realizaram-se no dia 26 de Maio as últimas sessões do Curso de Extensão Agrícola iniciado no passado dia 7 de Abril, as quais foram dedicadas a problemas da fitosanidade. De manhã o Eng. Agr. Pimenta de Castro, dos Serviços Agronómicos da CUF, proferiu a sua lição sobre aspectos gerais da patologia vegetal, tendo referido as principais pragas e doenças que atacam as culturas da região bem como a forma de as combater eficazmente. Em continuação deste mesmo tema, à tarde, realizou-se uma sessão prática orientada pelo Regente Agrícola J. Machado de Moraes da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, que constou da apresentação dos diversos aparelhos utilizados para aplicação dos tratamentos fitosanitários e da demonstração prática da forma de fazer as caldas com os diversos produtos usados para o efeito. Seguiu-se a execução do tratamento duma vinha segundo a técnica moderna.

Este curso em que participou cerca de uma centena de agricultores, muitos dos quais jovens, foi organizado pela equipa de Estudo e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário com a colaboração do Movimento de Extensão Agrícola Juvenil (J.A.C.) e de técnicos não só dos organismos já citados como também da Junta de Colonização Interna e da Secção de Tractores da Ford Lusitana, que, nas lições anteriormente pronunciadas, estudaram com os lavradores daquela freguesia, a situação geral da agricultura regional perante as modernas tendências económicas e técnicas, procurando estabelecer uma linha de rumo para o progresso local. Realizaram-se sessões destinadas especialmente aos problemas da mecanização agrícola, incluindo demonstrações de máquinas, e ao problema da racionalização das adubações. O curso incluiu também projecções e a exibição de diversos filmes de carácter técnico. É de salientar o interesse com que todos os participantes acompanha-

ram os trabalhos e a forma como souberam apresentar problemas concretos das suas explorações.

A fim de poder corresponder às exigências expostas ficou estabelecido um programa futuro de actuação incluindo visitas de estudo a explorações evoluídas, o estudo da instalação de aviários na região e a continuação e intensificação da assistência técnica aos agricultores participantes.

## O décimo nono Concurso Pecuário promovido pelo Grémio da Lavoura da Região de Alcobça

A exemplo dos anos anteriores, vai realizar-se no próximo dia 25 do corrente, o XIX Concurso Pecuário promovido pelo Grémio da Lavoura da Região de Alcobça, patrocinado pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, e Junta Nacional dos Produtos Pecuários, com a assistência do Chefe do Distrito, entidades oficiais e principais autoridades dentro do campo agro-pecuário do nosso País.

Serão concedidos os seguintes prémios:

### BOVINOS

(Raças Mirandesa, Turina e Exótica)

Touros	— 10	prémios num total de	3.200\$00
Vacas	— 13	» » » »	2.450\$00
Novilhos	— 4	» » » »	650\$00
Novilhas	— 26	» » » »	3.850\$00

### SUÍNOS

(Raças Nacionais e Exóticas)

Varrascos	— 6	prém. num total de	1.800\$00
Porcas de criação	— 8	» » » »	2.000\$00
» Alfeiras	— 6	» » » »	1.200\$00
Ninhadas	— 6	» » » »	1.200\$00

Serão também distribuídas algumas taças de prata e objectos de arte aos donos dos animais melhor classificados e prémios de consolação aos donos dos animais não classificados.

No Grémio da Lavoura recebem-se já inscrições para este Concurso.

## Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo  
Serviço Meteorológico Nacional

3.ª década (21-31) de Maio de 1963

### Influência do tempo nas culturas

As culturas apresentam-se com bom aspecto, tendo melhorado muito com a chuva que caiu nos últimos dias da década.

Continuaram em boas condições os trabalhos de campo: tratamento de vinhas e batatais, corte e recolha de feno, transplantação de arroz, etc.

Em algumas regiões, nomeadamente no Alto Alentejo, começaram as ceifas, que prosseguem em bom ritmo.

Continuaram a assinalar-se ataques de pedrado e do escaravelho da batateira.

## Curiosidades

(De Rádio Rural)

### A Batata

Pode afoitamente dizer-se não haver ninguém nos nossos dias que não conheça este precioso tubérculo, que tantas e tão variadas aplicações tem em culinária e que as donas de casa tanto apreciam. Pois bem, apesar do espanto que possa causar, a batata, originária da América do Sul, só foi conhecida na Europa no século XVI, tendo sido trazida para Espanha, em 1534, pelos conquistadores dos novos continentes da América, e cultivada a título experimental e com muitas reservas, dado que sobre ela recaía a suspeita de causar a lepra.

Da Espanha passou à França, a Portugal e a diferentes outros países, onde, a pouco e pouco, e dificilmente esta planta granjeou as admirações gerais e uma aceitação total.

Presentemente, não há mesa, desde a mais rica à mais pobre, que não conte quase diariamente com a presença da batata. A produção mundial desta planta está calculada em 300 milhões de toneladas, 50 o/o dos quais cabem à Europa.

Como todas as coisas, também a batata, por desconhecimento da população teve uma aceitação difícil. Não há nada melhor do que experimentar, embora fazendo-o com prudência. Só assim se ficará em condições de poder decidir com pleno conhecimento de causa.

★

Na defesa da vinha contra o mildio, e só em sulfato de cobre, a Lavoura gasta anualmente cerca de 100 000 contos! Possivelmente, este produto é consumido em quantidades que excedem o necessário em consequência do hábito dos agricultores de exagerarem o número de aplicações de calda, com receio das consequências do ataque.

Todavia, tudo se conseguiria remediar com o funcionamento de um conjunto de postos avisadores contra o mildio, de cujas indicações poderia resultar grande proveito para os viticultores e grande economia para o País. Neste sentido estão trabalhando os Serviços Oficiais competentes.

## INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Ensiladeira movida a tractor, compro.  
Jorge Silveira — Portalegre.

# A C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

## a) Produtos para combater males e pragas

**Agral LN** — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

**Albolineum** — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

**Mergamma** — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

**Cloroxone** — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

**Didimac 10 e 50** — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

**Gammexane 50** (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

**Gamapó A** — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

**Katakilla** — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

**Malaxone** — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

**Quirogama** — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

## b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

**Agroxone 4** — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

**Atlacide** — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

**Trioxone** — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

## c) Produtos auxiliares da vegetação

**Horthomona A** — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

## Companhia União Fabril

Av.ª do Infante Santo — LISBOA-3  
(Gaveto da Av.ª 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

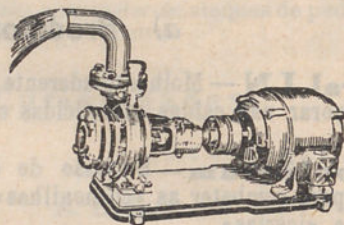
# ÉPOCA DE REGAS

## Grande sortido de GRUPOS ELECTRO-BOMBAS

desde o mais pequeno monofásico até ao maior trifásico multicelular.

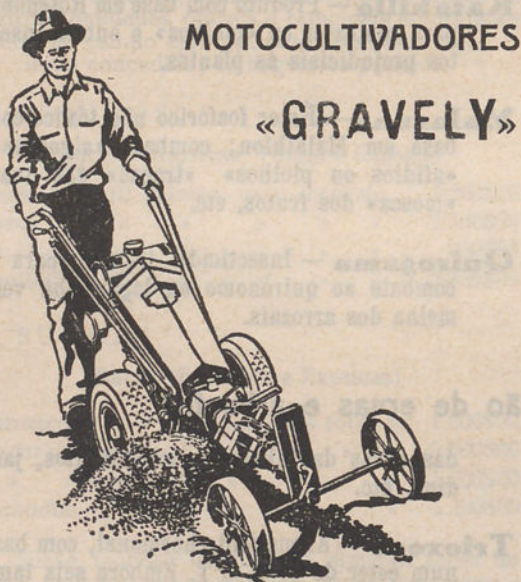
Proteja o seu grupo com um aut. mático **BROOK**  
Tubos em ferro e plástico

CONFIEM na grande experiência da  
**Casa Cassels**



3027

Rua Mousinho da Silveira, 191 — PORTO  
Avenida 24 de Julho, 56 — LISBOA



### MOTOCULTIVADORES «GRAVELY»

Um só motocultivador \* 30 alfaias agrícolas

*Lavra — Sacha — Grada — Semeia —  
Transporta — Cava e descava  
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais  
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —  
etc., etc.*

**ADQUIRA** um motocultivador  
**ESCOLHA** as alfaias que precisa

Representantes exclusivos:

**INIMEX**

— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —  
Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO

## O Perdigueiro Português

2.<sup>a</sup> edição pelo Padre Domingos Barroso

Um livro cheio de interesse não só para os devotos de Santo Huberto, mas ainda para todos os estudiosos que queiram conhecer, o melhor possível, o Perdigueiro Português.

Preço, 30\$00

Pelo correio, à cobrança, 33\$00

PEDIDOS A

*Gazeta das Aldeias*



# Fosfato Thomas

O ADUBO ideal

para os SOLOS de Portugal

Nas terras pobres em cal empregue sempre

## Fosfato Thomas,

o único adubo fosfatado com cal activa e neutralizante existente no mercado.

2890

Envie-nos hoje mesmo este cupom, em carta ou colado num postal, marcando com uma cruz o que lhe interessar.

A OS

A

### Serviços Agronómicos do Fosfato Thomas

Rua D. João V, n.º 29-3.º D

LISBOA-2

Queiram gratuitamente:

- Enviar-me literatura.
- Fornecer-me instruções para a colheita de amostras de terra para análise (as despesas da análise ficam a cargo do agricultor).
- Visita do vosso Engenheiro.

Nome .....

Morada .....



REP. EXCLUSIVOS:  
A. F. GOUVEIA, LDA.



Av. Inf. Santo, 52/1.º  
Tel. 675081/82  
LISBOA - 3

R. Santos Pousada, 644  
Tel. 44573  
PORTO

## PROTEJA AS SUAS VINHAS

USANDO O PRODUTO ORIGINAL **PROCIDA**

# CARBANE'S

O FUNGICIDA DO FUTURO!

PODEROSO ANTI-MÍLDIO À BASE DE CARBATÉNE  
E OXICLORETO DE COBRE

OUTROS PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

**CUPROZINATE** — Anti-míldio c/ zinebe + cobre

**MICROLUX 95** — Enxofre molhável micronizado

3919

**FOG** — Enxofre ventilado

**ORGANIL** — Poderoso anti-pedrado

**ZIRAMINE** — Produto específico contra a LEPRA DO PESSEQUEIRO

**TYTHON "50"** — (À base de PARATIÃO) — contra as lagartas do  
cacho, cochonilhas, afídeos, etc., etc., etc., etc.

PEDIDOS AOS AGENTES LOCAIS

## Senhor Vinicultor

DESDE 1 DE JUNHO

A Casa que sempre lhe tem oferecido as maiores garantias de qualidade e de segurança para o fornecimento de tudo quanto necessite para a boa defesa dos seus vinhos



2860

continuará ao seu inteiro dispor, como desde há 30 anos, mas agora nas suas novas instalações na

Av. de D. Carlos I, n.º 59

LISBOA - 2

Telef. (Vendas) 66.50.64

OENOL

— Sociedade Portuguesa de Enologia, Lda. —

(a antiga Casa da Rua da Prata)

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIA DE HERPETOL

e o seu desejo de coçar  
passou. A comichão des-  
parece como por encanto.

A irritação é  
dominada, a  
pele é refres-  
cada e ali-  
viada. Os  
alívios come-  
çaram. Medi-  
camento por  
excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco,  
crostes, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

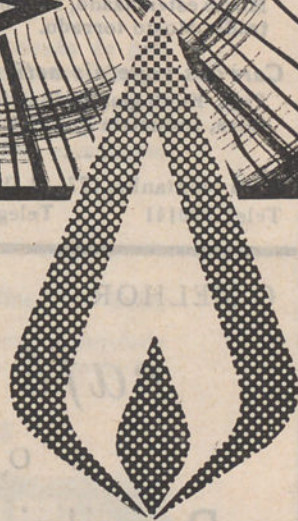
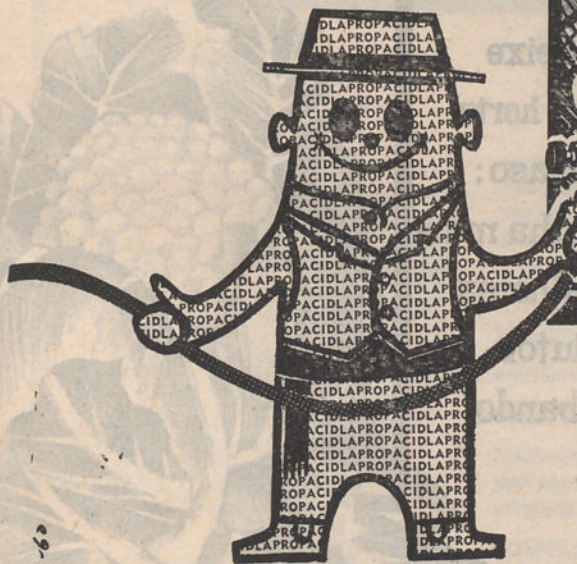
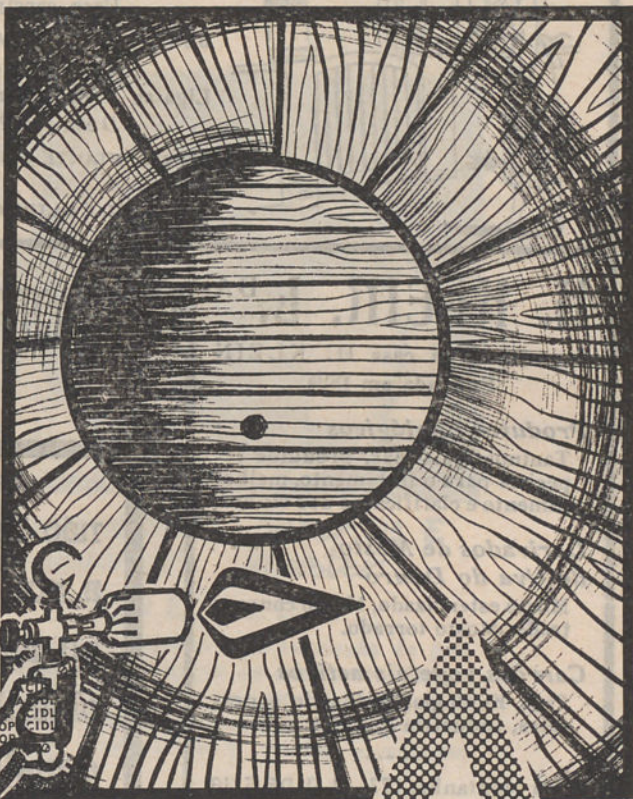
VICENTE RIBEIRO & CARVALHO  
DA FONSECA, LIMITADA

RUA DA PRATA 237 - LISBOA





**para a extracção  
do sarro  
de vazilhame  
e cubas de vinho**

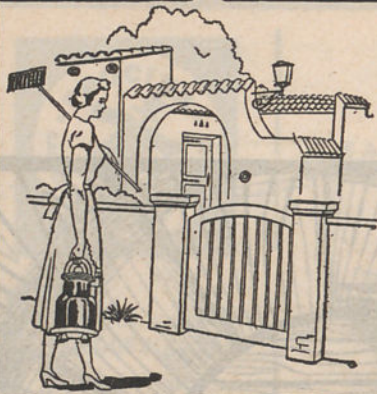


**use**

# **PROPACIDLA**

**O MELHOR GÁS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA**

GABRIEL FERRÃO '60



# "VIBRO-VERTA"

A BOMBA SUBMERSÍVEL ELECTROMAGNÉTICA

PARA:

Usos caseiros - Pequenas regas - Lavagens a pressão  
 BARATA \* CONSUMO INSIGNIFICANTE \* PORTÁTIL

Não requer cuidados nem instalação especial  
 Liga-se a qualquer linha monofásica da iluminação

*Demonstrações grátis*

3877

REPRESENTANTE GERAL J. L. DUARTE DE ALMEIDA, SUC.<sup>RA</sup>  
 PARA RUA DE S. MIGUEL, 61 - PORTO  
 PORTUGAL E ULTRAMAR TELEF. 26515

## H. KLEIN, L.<sup>DA</sup>

Sucessores da casa H. KLEIN  
 Fundada em 1894

### Produtos Enológicos

Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoramento e clarificação dos vinhos.

### Derivados de Mosto de Uva do Douro

Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

### Carvões vegetais activos

Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

R. da Montanha, 177 - V. P. DE G. 1.<sup>ª</sup>  
 Telef. 390141 Telegr. NIELK

O MELHOR

*café*

É O DA

Brasileira

61, Rua Sá da Bandeira, 91  
 Telef.: 27146, 27147 e 27148

PORTO

ENVIAM-SE PARA TODA A PARTE

## NO POUPAR É QUE ESTÁ O GANHO

não deixe  
 a sua horta  
 ao acaso;  
 obtenha mais  
 e melhores  
 produtos  
 adubando  
 com



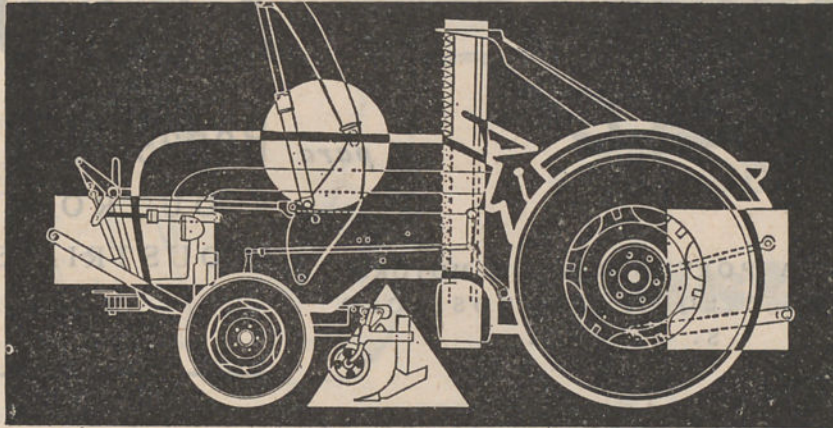
AP 11/A.1

# SULFATO DE AMONIO

O adubo azotado que contém maior teor de ENXOFRE, um alimento nutritivo do mais alto interesse para as culturas hortícolas



3104



*Standard Star Super 329 E*  
*Standard J Master*

15, 28, 33, 42 E 55 HP.

**simbolo  
de economia,  
duracao,  
robustez e  
rendimento**

novo sistema hidraulico com regulacao de profundidade e amplificacao de aderencia. Sistema central com cinco circuitos para levantador de 3 pontos frontal, pa carregadora, gadanheira, levantador trazeiro de 3 pontos e elevador entre eixos

blocagem do diferencial

cilindros independentes

embraiagem mecânica e hidráulica tipo Voith

arrefecimento por ar, patente Porsche, regulado por termostato, com aviso sonoro no caso de ser atingida a temperatura limite

COMPLETA GAMA DE ALFAIAS

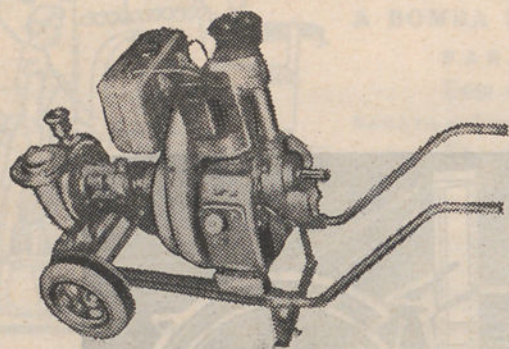
**PORSCHE - DIESEL**

**J. J. GONÇALVES SUCESSORES**

LISBOA — PORTO — ÉVORA — BRAGA — SANTAREM

AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

3018



Moto-Bombas

ACCO\*

para Regas, Elevação  
E OUTROS FINS  
INDUSTRIAIS OU  
AGRÍCOLAS

\*FÁBRICA PORTUGUESA DE MOTORES  
DIESEL E EQUIPAMENTOS ACCO  
S. A. R. L.

DISTRIBUIDORES

C. SANTOS, S. A. R. L.

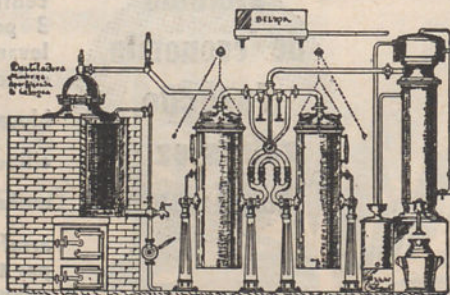
8944

LISBOA \* PORTO \* COIMBRA \* BRAGA \* OLHÃO



8988

O adubo de acção muito rápida



Oficina Manufatura  
de Caldeiraria

Destiladoras contínuas, Alambiques Derooy e de coluna ao lado, Destiladores de água, Serpentinhas, Esquentadores e Cilindros eléctricos para aquecimento de água e Braseiras de cobre e latão, simples e artísticas, etc.

Caldeiras para a indústria de Lacticínios, Tinturaria, Lagares, etc.

Belmiro Pinto de Mesquita

8939

Est. de Vendas: R. Santos Pousada, 467 a 471-PORTO. Oficina: R. Caldeireiros, 67-69



**Srs. Lavradores!**

Defendam as suas vinhas do  
**mildio, pulgão e oídio**  
usando com resultados garantidos

**COBRE · DDT · ENXOFRE**

**Pestax**

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES.

**Agro-Química Pestax, Lda.**

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2

Insecticidas • Fungicidas • Herbicidas • Raticidas



COMBATA O **ESCARAVELHO**  
**DA BATATEIRA**

com o novo insecticida à base de

**Naftil-N-Metil Carbamato**

especialmente indicado para a sua  
exterminação total, mesmo dos tipos  
resistentes que surgiram nas regiões onde a eficácia dos insecticidas  
clorados (DDT, Lindane, Dieldane, etc.), é actualmente pouco activa.



«LEPTENE SUPER»

**Pestax**

3926

Importadores e Distribuidores:

**AGRO-QUÍMICA PESTAX, LDA.**

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2

à *Lavoura*



**PODEROSO INSECTICIDA**  
*para todas as culturas*

**Pó Flecha D. D. T.**

a 5%, a 10%, a 20% e 50%

**Pó Flecha Lin-Exano**

a 6 e 10% de LINDANE

**Pó Flecha-Exano**

a 1 e 6% de B. H. C.

**Matoescaravelho Flecha**

**Emulsão Flecha-Clor** à base de chlordane

**Emulsão Flecha-B**

à base de Lindane

**Emulsão Flecha-Malation**

à base de Malation

**Fungicida Cobragan 50**

50% de cobre

**Zincobril**

combinação oxicleto de cobre e Zineb

**Emulsão Fosfortion Flecha**

Para o extermínio das pragas das *Vinhas, Batatais, Hortas e Pomares*

A VENDA NAS BOAS CASAS

**Tudella & Esteves, Lda.** — Praça da Alegria, 40-A — LISBOA-2

3940



**com qualquer tempo**  
**e em qualquer terreno**



*As 4 rodas motoras do motocultivador REX e a sua tomada de força, garantem-lhe a possibilidade de efectuar todos os seus transportes.*

*Isento de carta de condução, REX é um motocultivador robusto para todos os trabalhos de lavoura.*

**Gutbrod/MotoStandard**

A maior organização na venda de motocultivadores de todos os tamanhos e potências.

EM ARMAZÉM TODAS AS PEÇAS NECESSÁRIAS PARA PODER GARANTIR UMA ASSISTÊNCIA PERFEITA

**AGÊNCIA GERAL**

Telefs.  
20947  
20948



PORTO

152, Rua de José Falcão, 156

## Senhores Lavradores

A «CASA MALTA» fornece nas melhores condições:

Máquinas Agrícolas de todos os tipos

Aubos, Insecticidas e Fungicidas para todas as culturas e tratamentos, tais como: Acticupro, Ultraenxofre, Cobre Sandoz, Sulfato de Cobre inglês, Thiovit, etc., etc.

Sementes para Horta, Jardim e Pastos, incluindo bolbos recebidos directamente da Holanda, Jacintos, Narcisos, Iris, Tulipas, Ranúnculos, Anémons, etc., etc.

No interesse de V. Ex.<sup>a</sup>, consulte sempre

**Malta & C.<sup>a</sup> Lda.**

Rua Firmeza, 519 — PORTO — Telefone, 20315



## DINHEIRO

Emprestamos qualquer quantia sobre propriedades

Não cobramos avaliações aos prédios

Consulte-nos

**Centro Predial do Norte**

R. Passos Manuel, 71 - Telefs. 34995 e 35329 - Porto

8840

# Na Cultura do Milho

Para aumentar a sua colheita e  
reduzir as despesas de grangeio  
semeie sache e regue com

# Gutbrod

Peça prospectos, preços  
ou demonstrações à

**Agência Geral GUTBROD**

Rua de José Falcão, 152-156 — PORTO

Telefones: 20947 e 20948

OU NOS DISTRIBUIDORES



TIPO  
«TERRA»

3781

*novas*

## máquinas

*para*

*lagares de azeite*

FUNDIÇÕES  
DO ROSSIO  
DE ABRANTES

3038



**MOTORES A ÓLEO**

# BAMFORD

**DIESEL**

**O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA**

**RESISTENTES SIMPLES FACILS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS**

**JAYME DA COSTA, L.<sup>da</sup>**  
14 - R. dos Correios - LISBOA  
12 - P. da Batalha - PORTO  
**MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES**

Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

1149



## Cercados Eléctricos KOLTEC

- \* Alimentados por pilhas secas de modelo patenteado e de longa duração.
- \* Sistema ideal para guarda de gado em pascigo directo, sem intervenção de pastores.
- \* Montagem e desmontagem facilimas e rápidas.
- \* Perímetros de cercado até 20 kms.
- \* Modelos especiais para gado lanigero ou rebelde.
- \* Sem avarias.
- \* Preço acessivel.

IMPORTADORES  
exclusivos

Agência Comercial Ria, Lda.  
Apartado 60 — AVEIRO

3841

PASTAS Comerciais e de Estudantes  
MALAS em couro, chapeadas e para avião  
CONSERVAM-SE MALAS  
NÃO CONFUNDIR



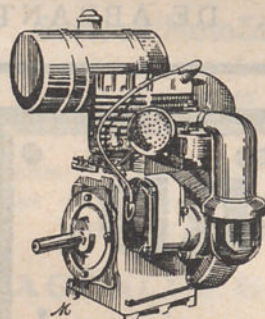
1943

**José Apolinário**  
31-Rua do Loureiro-33  
(Pegado à Pensão de S. Bento)  
TELEFONE, 23636 — PORTO

Visite V. Ex.<sup>a</sup> a **Ourivesaria Aliança** onde encontrará  
**Jóias, Pratas, Mármore e Bronzes**  
a preços fixos.

3056

PORTO — 191, R. das Flores, 211  
Filial em LISBOA: R. Garrett (Chiado), 50



Motores a petróleo

# “WISCONSIN”

sempre em armazém

PEÇAS DE RESERVA ORIGINAIS

Distribuidores exclusivos em Portugal

## CASA CAPUCHO

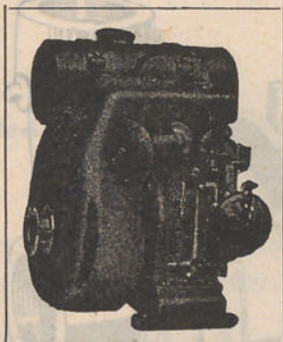
LISBOA — PORTO

3896



# Motores e Grupos de Rega

## VILLIERS



### MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40  
1,1 HP      2 HP      2,4 HP      3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2"      2"      2 1/2"      3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

**SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.**

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A  
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F  
Telef. 53393      3532

## Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

*No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.*

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

**Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.**

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE



W i n o

MASTIQUE

especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

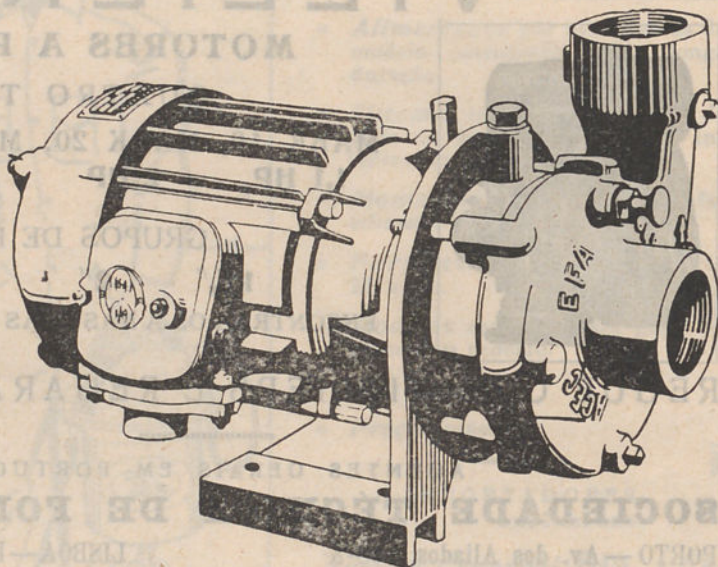
Avenida Rodrigues de Freitas, 68 ..... PORTO

8689

# ELECTROBOMBAS EFACEC

ALTO  
RENDIMENTO

BAIXO  
CONSUMO



AGENTE OFICIAL:  
**BONNEVILLE OLIVEIRA**

R. DE CAMÕES, 310 - TELEF. 20859 - PORTO

## PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**  
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ  
Aplica-se nos bebedouros das aves e é INOFENSIVO para  
os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam  
Frasco pequeno . 12\$50 \* Frasco grande . 50\$00  
Vende-se em todas as farmácias, drogarías, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES  
Gerais:

**Vicente Ribeiro  
& C.ª**

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º  
LISBOA



## CONTRA A PAPEIRA

1369

OS CRIADORES PREVIDENTES DÃO

## MARCA PLOUGH (CHARRUA)

(Allen & Hanburys, Ltd., Londres)

Tetracloroto de carbono em cápsulas de 1 c. c.

- Produto garantido
- Eficácia comprovada
- Fácil aplicação
- Reduz a mortalidade
- Valoriza as cabeças
- Melhora a lã

Agentes: COLL TAYLOR, L.da-R. Donadores, 29-1.º-LISBOA  
Telefone, 321476

- *Sachadores*
- *Semeadores*

**PLANET** *Lor.*

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL

Centro Agrícola e  
Industrial, Lda.

Aubos - Máquinas Agrícolas - Sementes

307 - Rua de Santa Catarina - 309  
Telef. 25865/6 PORTO Teleg. AGROS

2747

Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

**Dedetoxil, Lin-Toxil** (em pó e em líquido), **Lintal** e **B H C Irpal** (à base de DDT-Lindane-DDT e Lindane-Isómero Gama, respectivamente) — Contra o Escaravelho da Batateira, Insectos da Vinha, Insectos das Hortas e Pomares, etc.

**Clor-Pal** (à base de Clordane) — Contra a Formiga Argentina, parasitas das Hortas e Pomares, parasitas dos Animais e das Habitações.

**Cobre Irpal** e **Cuprion** — Contra o Mildio e outras doenças criptogâmicas das Vinhas, Batatais, etc.

**Enxofre Molhável Irpal** — Contra o Oídio e Acarioses das Vinhas, Oídio das Plantas Hortícolas e Ornamentais e Oídio e Pedrado dos Pomares.

**Cuprifer** — Desinfectante de sementes a seco e excitador da germinação.

**E. B. 25** (emulsão base) — Contra Moscas, Mosquitos, Traças, etc.

**X L 55 Irpal** — Contra Carraças e Ronha das ovelhas, etc.

**Lin-Tal-Clor** (à base de DDT, Lindane e Clordane) — Contra todos os Insectos das Habitações.

**Afitox** — No combate aos Afídeos (Piolho das Plantas), Melas, etc.

**Larvan** — Na luta anti-sezonática e no combate ao Chirónemo (Lagarta da raiz do arroz).

**Acridion** — Para desinfectação dos Celeiros, Estábulos, etc.

**Acridion de Inverno** (emulsão de óleo antracénico) — Tratamentos de Inverno de Pomares, Vinhas, etc.

**Olidion de Verão** e **Olidion de Inverno** — Contra Cochonilhas, Fumaginas, Icéria, etc.

**Ervatox** (Erbicida), **Abonor** (Estercolizador), **Cresilion** (Desinfectante de uso geral), **Cuproxil** e **Carbolínio** (Conservadores de madeiras), **A-Mur** (Raticida bio-químico), etc.

**IRPAL É MARCA DE QUALIDADE**

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

**IRPAL**

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

# CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

O ADUBO AZOTADO COM  
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS  
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,  
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

*E AINDA*

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E  
NO COMBATE AS ERVAS DANINHAS



## COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS  
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS  
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º  
LISBOA — TELEFONE 368989

3165